

O paradoxismo
ou a antipoesia



L • E • T • R • A • S

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL ANO I Nº 11

SUPLEMENTO CULTURAL

Brasília, 28 de abril de 1994



**A estética
do desejo
inusitado**

editorial

A necessidade da Cultura

O ser humano possui uma tendência natural para a criação. Traz em si o desejo de alterar formas e, frequente, realidades perturbadoras. As necessidades externas, às vezes, o colocam diante de seus limites, ora físicos ora mentais. Para superar obstáculos e sobreviver, ele pensa, inventa, cria permanentemente.

A cultura surge, justamente, da soma dos conhecimentos extraídos das experiências realizadas. A construção de sistemas de civilização deriva muito da possibilidade de registrar e difundir conhecimentos.

Ouvimos muito que o Brasil é um país sem memória, ou seja, parte expressiva do nosso trabalho se esvai sem deixar marcas, nem irradiar progresso ou enriquecimento espiritual e intelectual.

Ao examinarmos a produção cultural de Brasília, observamos que, na área de literatura, por exemplo, temos um grande número de escritores, com produção de alta qualidade, premiados em nível naci-



Rose Mary Miranda
— PP

Vice-Presidente
da Câmara Legislativa

onal, mas sem reconhecimento local, sem incentivo e apoio. O mesmo acontece em outras áreas, como artes plásticas, dança e música. Os artistas atingem grau de reconhecimento nacional e até internacional, mas são alijados do processo cultural oficial. Isso é desperdício de valores, de informação e causa o empobrecimento de nossa cidade.

Observa-se que a ação de organizadores do movimento cultural do DF não atrai para seu conjunto esses intelectuais que poderiam contribuir de forma efetiva para o desenvolvimento de nossa produção cultural.

Um dos pontos básicos de nossa atuação no âmbito da cultura, e no trabalho de elaboração do DF-Letras, é a consciência de que a arte não deve ser um instrumento a serviço do sectarismo e da divulgação de interesses partidários. A arte não deve carregar em suas costas o peso das ideologias e sim proporcionar ao cidadão uma real possibilidade de crescimento.

Artigo

Guia para assessor de imprensa

Atualmente não são poucos os políticos interessados mais em ser esquecidos do que citados pela mídia.

O recém-lançado livro **A Segunda Imprensa**, escrito por dois experientes assessores do Rio, Sérgio Zobaran e o escritor Leopoldo Câmara, reserva o último capítulo exatamente para falar dessa nova tendência na vida pública nacional, que exige do assessor uma habilidade extra para minimizar denúncias e acusações.

Mas assessoria de imprensa (ou de comunicação social) já não se concentra somente no âmbito de governos e administração pública. É uma atividade em crescente demanda. Tanto que outros livros têm sido lançados sobre o assunto. Ano passado saíram **Manual da Fonte**, do jornalista brasileiro Geraldo Sobreira, que ensina como lidar com a imprensa a fim de se conseguir divulgação positiva e frequente; e **Assessoria de Imprensa, Teoria e Prática**, dos professores gaúchos Elisa Kopplin e Luiz Artur Ferraretto.

O livro de Sobreira enfoca sobretudo

a relação com jornalistas e o segundo fala didaticamente do planejamento, da estrutura e das técnicas de trabalho numa assessoria. Já **A Segunda Imprensa** procura abranger todas as áreas dessa função - na política, na cultura, na economia, na burocracia privada e pública.

Este é um aspecto essencial nessa atividade, tanto para o divulgador quanto para seu cliente ou empregador. Porque o papel da imprensa é criticar, denunciar, fiscalizar, apontar erros na sociedade, enquanto o assessor existe para colaborar com isso, mas também para colocar panos quentes. Por isso o assessor é visto pelo repórter, muitas vezes, como uma barreira que dificulta o trabalho de apuração da verdade. Mas, de qualquer modo, o assessor é imprescindível, como um canal de informação entre o público e o governo, os políticos, as instituições culturais, empresas estatais ou privadas, as associações de classe, os artistas famosos, clubes, sindicatos, tudo

que mantém uma relação com a sociedade.

Infelizmente, as faculdades de Comunicação não têm no currículo de Jornalismo a disciplina Assessoria de Imprensa.

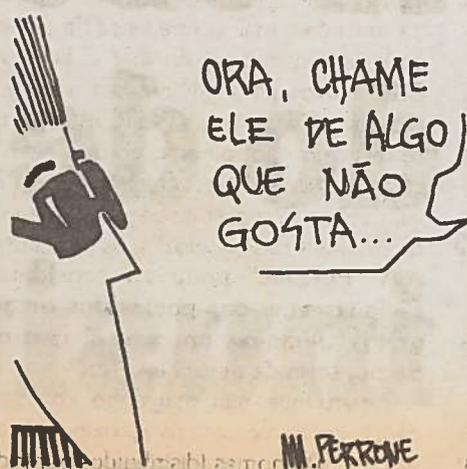
Daí a importância de livros como **A Segunda Imprensa**. Os autores mostram como montar uma assessoria, como promover eventos que gerem notícias na mídia, como criar fatos que possam repercutir, como se relacionar com jornalistas de diversos setores. Bem escrito, num estilo descontraído, o livro é recheado de exemplos práticos ocorridos com diferentes veículos e em diferentes situações, detalhes sobre os métodos de trabalho, as regras e os segredos de um bom assessor ou divulgador.

Um livro interessante para quem deseja conhecer como funcionam os mecanismos de grande parte do noticiário que sai na mídia, e pode ser de grande utilidade para políticos, executivos de marketing, jornalistas e estudantes de Comunicação.

Jason Tércio

M. Perrone

ORTEGA, o pragmático



Nesta Edição

- 1 - Capa
- 2 - Opinião
- 3 e 4 - Entrevista Diniz Félix dos Santos
- 5 e 6 - O que é um Best-Seller? Wilson Possato
- 7 e 8 - A Antipoesia ou Paradoxismo T. Pereira
- 9 e 10 - Machado de Assis Paes Ribeiro
- 11 e 12 - Literatura Erótica Jason Tércio
- 13 e 14 - Ampliação do DF Gustavo Souto Maior
- 15 e 16 - Meio - Ambiente Rosalvo de Oliveira Junior
- 17 - Livro - Apresentação
- 18 - Poesia
- 19 - Cartas
- 20 - Poesia

EXPEDIENTE

Suplemento Cultural do Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal Editado sob a responsabilidade da Coordenação de Editoração da Vice - Presidência com a colaboração da Coordenação de Comunicação Social da Presidência.



Vice-presidente: Rose Mary Miranda
Chefe de Gabinete: Sebastião Cunha
Assessores especiais: Chico Nóbrega e Ivan Carvalho
Coordenador de Editoração e Produção Gráfica: Nelson Pantoja
Programação Visual: Marcos Lisboa
Fotografia: Jane Neves
Editoração: Jane Neves, Luís Augusto Gomes, Marcelo Perrone, Dino Souza, Sebastião Peres, Sérgio Cáceres e Oscar Montes Monterrojas.
Editor-Responsável: Nelson Pantoja
Revisão: Neici Stein e Luís Augusto Gomes
Colaboraram nesta edição: Diniz Félix dos Santos, Wilson Possato, Teresinka Pereira, Paes Ribeiro, Jason Tércio, Gustavo Souto Maior e Rosalvo de Oliveira Júnior.
DF-Letras tem assinatura gratuita. Os pedidos devem ser enviados para endereço abaixo contando o nome do assinante, profissão, endereço completo e telefone para contato.
DF-Letras/Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal
Redação: SAIN - Parque Rural Norte
70086-900 Brasília-DF Telefone: (061) 347-5128

As colaborações são publicadas sem contrapartida pecuniária.

Composição da Câmara Legislativa do DF

Mesa diretora (biênio 93/94)	Euripedes Camargo
Benício Tavares	Fernando Naves
Presidente	Geraldo Magela
Rose Mary Miranda	Gilson Araújo
Vice-presidente	Jorge Cauhy
Lúcia Carvalho	José Edmar
1º Secretária	Lúcia Carvalho
Peniel Pacheco	José Ornellas
2º Secretário	Manoel Andrade
Cláudio Monteiro	Maria de Lourdes Abadia
3º Secretário	Maurílio Silva
Agnelo Queiroz	Padre Jonas
Aroldo Satake	Pedro Celso
Benício Tavares	Paniel Pacheco
Carlos Alberto	Rose Mary Miranda
Cláudio Monteiro	Salviano Guimarães
Edimar Pireneus	Tadeu Roriz
	Wasny de Roure

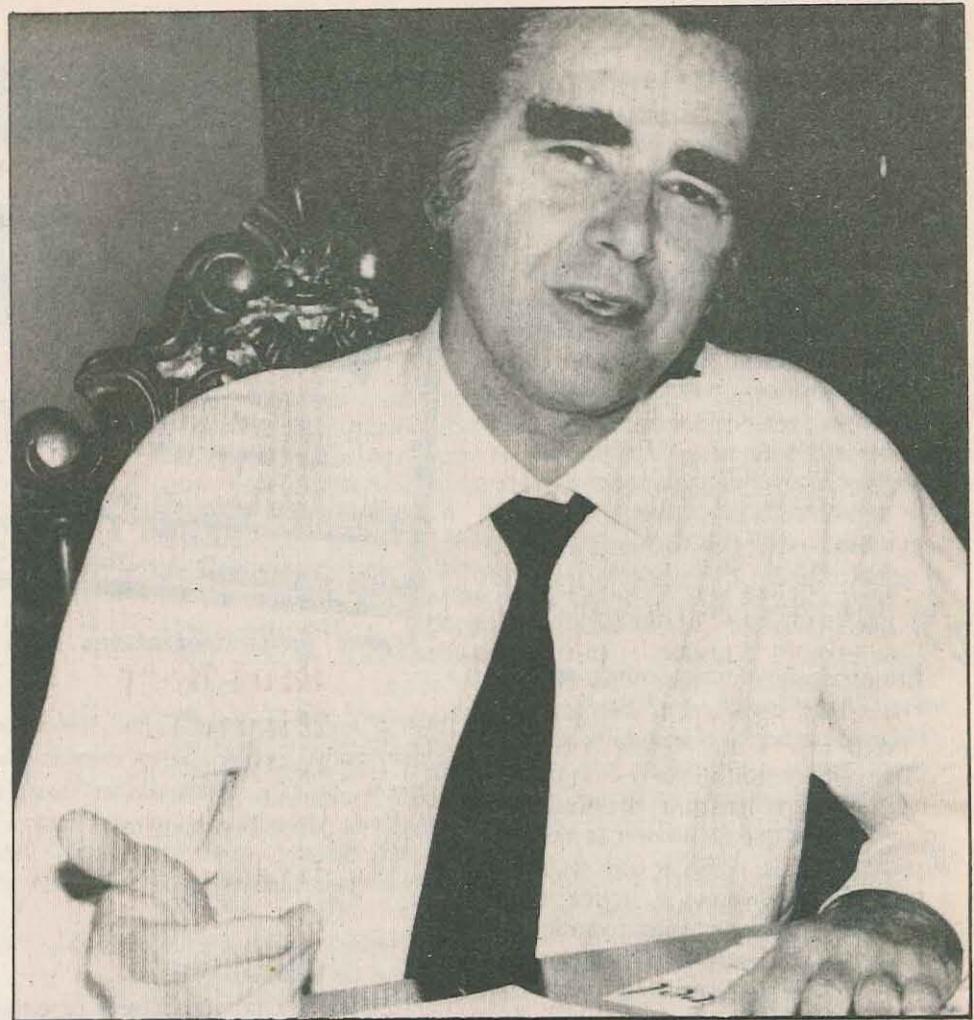
Entrevista/Diniz Félix dos Santos

Agitador cultural, poeta e trovador, Diniz Félix dos Santos edita há dez anos a revista **Poietiké**, publicação xerografada, "folhinhas de xerox", que serve de "ponto de encontro para poeta em qualquer parte do mundo".

Com mais de três mil 500 assinaturas, do Brasil e do exterior, **Poietiké** honra o termo grego do qual se origina e faz da concepção do termo a **poética** à qual se propõe. É uma realidade literária!

Sobre Brasília, balzaquiana na idade da razão, Diniz não filosofa: a produção literária é intensa. Falta ainda "coesão cultural". Mas isto vem com o tempo. Brasília não é apenas um traço parado no ar. Tem alma.

□ **Nelson Pantoja**
Editor/DF Letras



Diniz: "A coesão cultural do DF vai surgir naturalmente"

Brasília, aos 34 anos, já tem vida poética

Como se encontra a cultura no DF de um modo geral?

A Cultura no DF passa por um momento relativamente bom. Nas últimas semanas, tivemos a inauguração do "Parque de Los Poetas", na Embaixada do Chile, a Exposição de Esculturas Gregas, no ParkShopping, a apresentação do Grupo ATTIS, na Sala Villa-Lobos, a Exposição de Pintura patrocinada pela Embaixada do Equador, no Instituto de Cultura Hispânica, lançamentos de livros,...

Os poetas de Brasília ganham prêmios importantes, e isso se constitui em orgulho para a nossa comunidade. Nomes, não digo. São tantos que, se citar os que me vêm à memória, agora, cometerei a injustiça de omissão para com outros tantos excelentes.

Brasília, aos 34 anos, já tem um perfil cultural? Aqui nos dois sentidos: O da produção e o da originalidade?

A produção é intensa. Escreve-se muito e escreve-se bem, em Brasília. A publicação não mostra em número essa intensidade. Entretanto, a iniciativa privada editorial tem trabalhado com dedicação e até sucesso; a ela devemos uma parte do nosso estágio de desenvolvimento. As dificuldades não são só as daqui. Escritores do Rio e de São Paulo se queixam dos mesmos problemas.

A originalidade, salvo exceções, restringe-se às formas. Os temas continuam, em geral, os mesmos. E também não vejo porque deixarmos de tratar do amor, do ciúme, do trabalho, da fome, do patriotismo, da ecologia (parece que a mídia se esqueceu que esse tema já era cantado e decantado, no Brasil, desde a década de 30, ou mais...); alguns, na saudável ânsia de vivenciar o novo, inadvertidamente for-

çam formas, e, ao invés de estarem modernos, perdem o serem humanos.

Pode-se afirmar, sem provincianismo (sem bairrismo, para ser mais claro) que aos 34 anos Brasília já tem uma personalidade cultural. Em caso positivo, como é possível traduzi-la?

Aos sete anos de idade, o ser humano tem definidas as características-base de sua personalidade. Porém, para uma cidade, 34 anos ainda é tempo de menina. Posso arriscar, dizendo que Brasília me parece ter um traço cultural hegemônico, a partir da mistura de várias origens; falta-lhe coesão cultural, que há de surgir com o processo de integração das atividades artísticas, o que, aliás, está dentro dos objetivos da Academia de Letras do DF.

Até que ponto a miscigenação de idéias providas do regionalismo (Brasília é a esquina de todos os Brasis) ajudou ou ajuda Brasília a ter uma face própria em termos culturais? Seria pretensão dizer que Brasília já tem uma poesia, uma literatura, uma música, um teatro, ou ainda continuamos no limbo do cosmopolitismo que justifica todas as manifestações artísticas brasilienses?

Aos da próxima geração, talvez leguemos um patrimônio, não apenas sob os títulos "cosmopolita", "hoolístico",..., mas sob um que leve tudo isso congruentemente disposto.

Por enquanto, nesta época em que tão pouco do importante e expressivo da Cultura Candanga vai além do Distrito Federal, compreendemos que, efetivamente, não há personalidade se ela não ressoa...

O que é Poietiké? Um movimento?

O termo POIETIKÉ vem do Grego, dá origem ao Latino Poética, que chega ao

nosso Poética.

A POIETIKÉ começou como uma marimba improvisada, no meio da praça, e é hoje um concerto que abrange vários países; integra-se à harmonia do alternativismo poético, nas vozes que, em uníssono, vêm de muitas partes do globo.

Como está em suas capas, a POIETIKÉ é um ponto de encontro para Poeta em qualquer parte do mundo; é um baú de recordações, que se pode abrir para reviver felicidades!

E tudo isso sem deixar de ser simples "folhinhas xerografadas", capazes de movimentar internacionalmente, por anos, razão & emoção dos Trovadores em causas nobres.

Como é possível manter uma publicação alternativa por dez anos consecutivos? Qual é hoje o seu alcance? Sua abrangência?

Em seu décimo ano de circulação ininterrupta, a POIETIKÉ mantém seu princípio de gratuidade. Quem escreve na POIETIKÉ nada paga, nada recebe em dinheiro. Esse negócio de mexer com dinheiro dá muito trabalho; é coisa para especialista. Mas, não me entendam mal: com a ajuda do dinheiro pode-se construir ou facilitar o Bom e o Belo; e há os que são honestos e admiráveis nesse setor também. A POIETIKÉ não tem patrocinador tão-somente porque quer ser completamente livre; entretanto, eu não vejo uma incompatibilidade genérica entre os "homens de negócios" e os da cultura.

A "Poietiké" pode ser considerada remanescente dos poetas dos mimeógrafos, diríamos, um pouco mais moderno, seria da geração xerox?

É claro que não mantenho correspondência constante com os aproximadamente três mil 500 nomes (distribuídos por todo o

Brasil mais 36 países) da relação de endereços da POIETIKÉ. Só publico em resposta aos que me escrevem: de 60 a cem por mês. Normalmente, eu só componho as matrizes; as xerox são feitas por favor, aqui e noutras partes do Brasil. A POIETIKÉ já foi reproduzida também na Argentina, no Uruguai, na Espanha, nos Estados Unidos e, muitas vezes, em Portugal.

O que chega ao meu conhecimento, a tempo, eu publico. Infelizmente, os convites chegam em cima da hora, e acabo nada escrevendo a respeito, pois dificilmente compareço. Gostaria de estar lá, no entanto, falta-me o tempo; quase não saio do meu escritório: os correspondentes da POIETIKÉ me permitem viajar pelo universo, sem sair da cadeira.

Quantas pessoas, poetas, escritores, agitadores culturais, constam já dos arquivos da Poietiké, considerando a sua máxima de que é "um ponto de encontro para poetas em qualquer parte do mundo? Como é feito o intercâmbio?"

Amigas e amigos da POIETIKÉ, muitos. Recebo todas as semanas, cartas carinhosas e reconhecedoras. Inimigos, acho que tenho, mas devem ser do tipo "temporário"; um dia serão também meus amigos.

Qual é a idéia-base da Academia de Letras do DF? Para uma pessoa que lida com uma revista como a Poietiké isto não parece muito acadêmico?

Nada as separa; tudo as une. Particularmente, nas duas, estou com muitos. Só o "processo de fazer" é diferente. Na revista o processo é solitário. A Academia de Letras do Distrito Federal vai me oportunizar fazer com mais amplitude tudo o que eu fazia, o que pretendia fazer, o que eu

sonhava e até o que eu não percebia que sonhava...

São objetivos da ALDF: integrar a cultura diversificada do DF, interagir com o Brasil, fazendo convergir e irradiando as manifestações literárias, criar no Centro-Oeste um pólo que, a partir de São Paulo, atinja a Bacia do Prata, "palmilhar" as hidrovias do Norte e Nordeste, ..., isto é teoria e ação, seguindo as idéias de Platão, que adotamos.

E antes que alguém apelide, esta, de uma pretensa "conversa geopolítica", quero concordar em que a cultura não se faz no leito dos rios, entretanto, não nos esqueçamos que em suas margens florescem os municípios, e nos municípios estão os cidadãos do interior brasileiro, onde se encontram nossas reservas de valores, a essência de nossa cultura. Lá se pratica o encontro dos artistas, como coisa sistemática e natural.

Em que a Academia poderá agitar o meio cultural brasiliense? Não se corre o risco de parnasiasar o ambiente?

Não. Nada temos contra o Parnasianismo. E nem ficaria bem para uma Academia, como a nossa, que se propõe ao respeito absoluto às idéias, começar com restrições e críticas. Consideramos a "forma exemplar" como expressão válida; desde que isso não se constitua em impedimento a outras expressões. Eu mesmo, como responsável pela edição da POIETIKÉ, sofri críticas por ser "condescendente", mas, há muito, deixei clara a minha posição particular: "Que me perdoem os mestres e cultores da boa forma (aos quais muito admiro e aplaudo), porém, ainda desta vez, vou privilegiar o conteúdo, para dar oportunidade a um maior número de poetas enviar suas mensagens (...) (1987).

Qual a opção da Academia: o misticismo quase angelical do chá das cinco, onde prevalece a glória imortal do já ter feito, ou a efervescência endiabrada do desafio constante de ter que fazer?

Eu é que não vou deixar de tomar chá, só pra dizer que estou moderno. Mas que seja um só, e nem precisa ser às cinco. Um biscoitinho champanhe pega bem, nessas ocasiões.

Para nós, imortais são os nossos patronos. Se nossa vitaliciedade é um fato, emprestamo-la à imortalidade deles. A função do Acadêmico (numa ponta) é manter vivos



Apenas "linhas xerografadas" para os poetas do mundo...

para o seu Povo seus Vultos Históricos, (noutra ponta) é ser seu Povo, vivendo seus homens ilustres e dignos, afastando-se do seu Povo, vivendo seus homens ilustres e dignos, afastando-se das "igrejinhas", palavras à qual, infelizmente, associaram "elite".

O que vem a ser a iniciativa "As Trovas da Latinidade"?

A POIETIKÉ promoveu (sempre gratuitamente) as "Trovas da Constituinte", "Trovas da Negritude", "Trovas dos Direitos Humanos", "Tiradentes" (Trovas), "Por Nossa América" (Poesias), porém, nenhuma alcançou a repercussão das "Trovas da Latinidade", lançado em 1986, já com seu vigésimo livrinho em formação (o décimo-nono fechou com a Trova nº 2667; a segunda edição do décimo-oitavo está sendo impressa em Portugal, e deverá ser lançada no "Seminário de Linhares", pessoalmente pelo Trovador Joaquim Francisco de Castro, que virá de Gondomar, por conta própria, especialmente para o evento).

Em "Trovas da Latinidade", você junta sua voz à de centenas de Trovadores de vários países, expressando as alegrias e vicissitudes de "Ser Latino", mostrando as belezas e a grandeza do "nosso povo", denunciando ou exaltando (conforme o caso), resgatando as raízes (que só nós podemos fazê-lo), descrevendo viagens, paixões, sonhos, fazendo (ou refazendo) a Histó-

ria..., enfim, dando-nos a conhecer, pois é assim que os nossos filhos e netos hão de nos amar, admirar e respeitar.

Brasília, dizem seus desafetos, não tem alma. Portanto, não tem poesia, cara, literatura. É uma cidade insípida. Foi para combater estes delinquentes verbais que o sr. criou a, manifestação de trovas "Minha Cidade"?

Tenho igual confiança nesse concurso/coletânea. As Trovas são feitas sobre a cidade onde o Trovador nasceu, aquela onde vive, aquela de que mais gosta, ou sobre todas elas... Peço apenas a ajuda de um selo postal para cada grupo de três trovas. Todas as trovas enviadas (se dentro das normas de métrica, rima, tema e prazo) serão publicadas na coletânea. Haverá certificado de participação para todos, e certificado especial, com a classificação e a Trova expressas, para os dez primeiros lugares.

Vejo MINHA CIDADE como uma boa oportunidade para os Poetas de Brasília darem sua colaboração ao desagravo, diante do processo depreciativo por que passa a Capital da República, em todo o País; mais que ninguém, eles poderiam separar o joio do trigo, isto é: mostrar que os poucos que passam aqui dois dias na semana para envegonhar-nos, são simetricamente diferentes daqueles que constroem o dia-a-dia do nosso esperançoso futuro.

Qual é a trova que já fizeram para Brasília?

"Minha Cidade" foi lançada no final do mês passado. Até o instante, só me chegaram Trovas de Juiz de Fora/MG, Barra do Corda/MA, Maringá/PR, Pelotas/RS, Divinópolis/MG e Pará de Minas; do Distrito Federal, ainda nenhuma. Mas eu tenho esta poesia: "Balada de Brasília", já publicada inúmeras vezes (em periódicos de outros estados). Muito me sensibilizaria vê-la, pela primeira vez, em jornal da cidade à qual ela homenageia. Anexo-a.

O velho Machado cunhou uma frase: "A solidão é a oficina das idéias" O sr. se dedica integralmente a produção cultural. É um monge das letras?

Culturalmente, estou numa fase que pode ser reduzida a uma frase: dedico-me, na íntegra, à POIETIKÉ e á modesta colaboração que presto ao grupo organizador da Academia.

Frases (como a de Machado de Assis: "a solidão é a oficina das idéias" — que o senhor acabou de lembrar) devem ser tomadas com cautela. A "oficina" do ferreiro é o lugar e a bigorna; mas, não é o ferro (a modelar), nem o trabalho (transformador) que resultam no produto. O ferro veio das minas (e, atentemos para isso: por obra de outros) e o trabalho é do ferreiro. Porém, em verdade, também acho que é comum termos mais "idéias" quando não estamos com a atenção voltada para fora de nós... O que, por sua vez, não quer dizer que estamos ou não metidos na multidão, ou que não se possa fazer um poema no meio dela! Esse negócio de "solidão" é uma questão do nosso interior. Absolutamente só, em meu escritório, na madrugada, às vezes, tenho que dele sair, para descansar do alarido que salta da correspondência empilhada em minha mesa.

Para mim, a condição da existência é ter a referência. Tudo está em tudo. Por exemplo: não compreendo a criação literária como (exclusivamente) a expressão própria de um indivíduo dotado de qualidades especiais para tal; compreendo-a, isto sim, como uma das expressões de um todo cultural, no qual esse indivíduo está inserido, e que ele a expressa porque a percebe e interpreta. Assim, na verdade, não somos donos, em separado, de coisa alguma. A admiração e o aplauso deveriam ser para todo o grupo, a cultura ou a Humanidade. Os canhões de luz, no meu entender, por justiça, deveriam iluminar, palco-e-platéia.



Wasny de Roure — PT

Conscientizando e Preservando

A conscientização sobre o papel da ecologia na sociedade moderna é cada vez mais urgente. Estabelecer políticas de preservação da flora e da fauna, fixar normas de operacionalizar o desenvolvimento sem agredir o meio-ambiente e formar uma consciência generalizada da importância da conservação da Natureza são imperativos que emergem e devem ser encarados com seriedade e não apenas como um modismo importado.

Com base nessa compreensão, apresentamos à Câmara Legislativa

dois projetos de lei — atualmente em tramitação nas comissões temáticas da Casa — buscando chamar a atenção da opinião pública e da própria população para a beleza e riqueza de nossa fauna e flora. O Projeto de Lei nº 805/93 declara o Pirá-brasília (Cynolebias boitonei) o peixe símbolo do Distrito Federal. Já o Projeto 806/93 declara o Buriti (Mauritia flexuosa) o vegetal símbolo do DF. Respalda pelo Artigo 225 da Constituição Federal, nossa iniciativa procura promover a conscientização pública para a

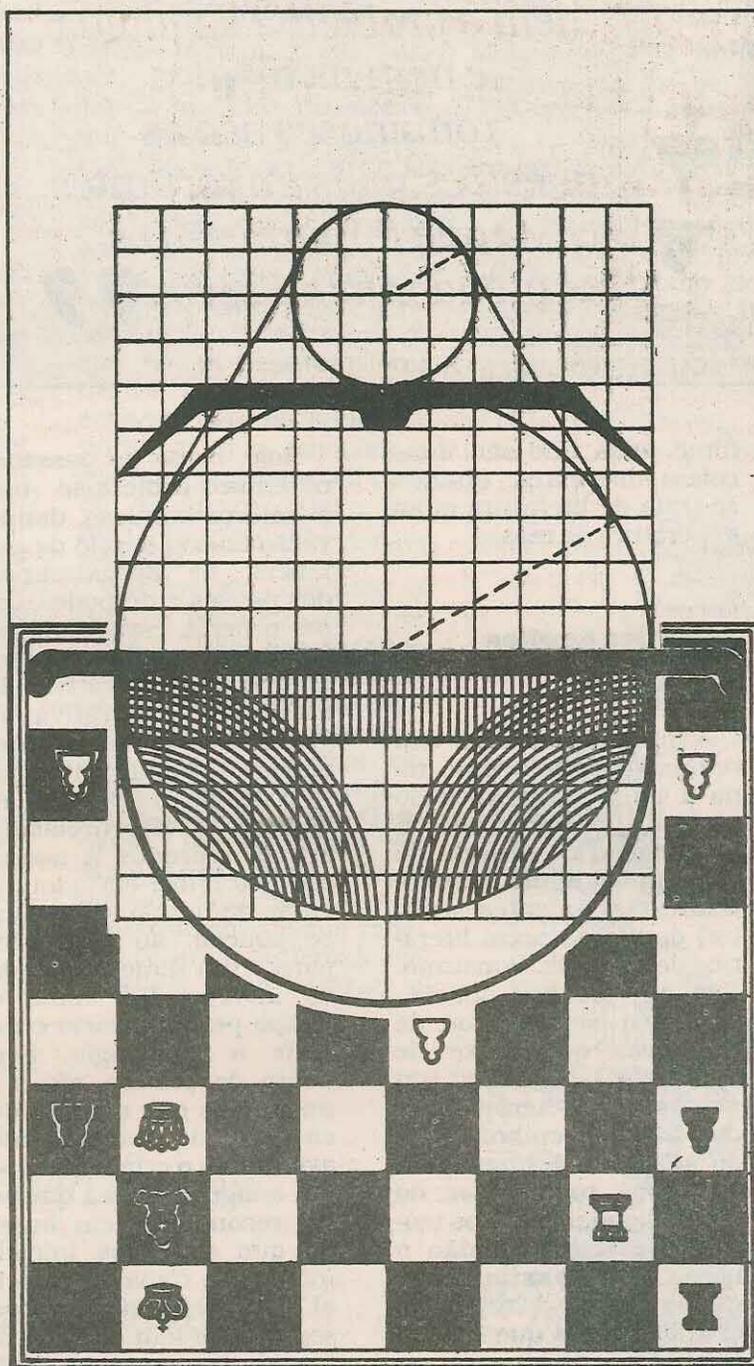
conservação e preservação das espécies e do ecossistema do cerrado".

Para que a campanha surta seus efeitos, entendemos que a cada ano uma nova espécie animal e vegetal deve ser escolhida e declarada símbolo do DF. Assim, haverá oportunidade de se discutir a realidade de uma espécie de cada vez, contribuindo para difundir a situação da flora e da fauna da região. Nesse sentido vamos encaminhar emendas tratando desse aspecto.

SEXO e Intriga

O que é um Best-Seller?

□ Wilson Rossato



Hercule Poirot

Os franceses dão o nome genérico de "paraliteratura" (paralittérature) para o que nós convencionalmente chamamos de literatura da massa. Ou seja, o **best seller** que vende milhões de exemplares e enriquece seus autores e editores com textos considerados "digeríveis" e "envolventes", próprios para o entretenimento dos leitores ávidos por uma boa história. O que não quer dizer que uma obra de literatura culta não possa tornar-se também um best seller (ter grande receptividade popular). Mas, afinal, o que é um best seller?

Na verdade, esta é uma pergunta difícil de ser respondida, pois nem sempre o gênero se define com muita clareza. Poderíamos dizer que ele (o gênero) é uma combinação variada dos elementos que compõem a estrutura do texto folhetinesco ou literatura de mercado, ou seja, costumam misturar elementos policiais, com aventuras, faroeste, com sentimentos ou sexo, com sagas familiares, com terror, etc. Outro complicador em nossa pergunta é o de que pode haver refinamento técnico-estilístico nos textos de massa e, portanto, nem sempre é fácil determinar-se teoricamente se se trata ou não de "alta" literatura. Na prática, todavia, não há tantos problemas: o público é mais numeroso quando o produto folhetinesco é verda-

deiro, isto é, quando o texto obedece a características intrínsecas do gênero.

O fato é que na obra de um mesmo escritor pode-se encontrar textos consagrados como literatura culta e textos de natureza claramente folhetinesca ou de "massa". O Machado de Assis de **Dom Casmurro** não é o mesmo de **Iaiá Garcia** ou **Helena**, como também o José de Alencar de **Senhora** não é o mesmo de **A Viúva**.

Pode também ocorrer que escritores conhecidos por seus trabalhos em literatura de massa desenvolvam paralelamente uma obra com pretensões "sérias". Conan Doyle, por exemplo, desprezava as aventuras de Sherlock Holmes — que lhe deram grande renome — e dedicava-se a romances históricos, praticamente desconhecidos. Como também pode ocorrer o contrário, como o escritor inglês Charles Dickens que produzia romances com um projeto de largo alcance popular, em bases folhetinescas, e depois ter suas obras reconhecidas como "cultas".

Conteúdos fabulativos

Mas na literatura de massa, nem o problema de língua e nem da técnica romanesca são as questões mais importantes. O que importa são os conteúdos fabulativos (a intriga com a sua estrutura clássica de



Carlos Alberto — PPS

Autonomia Cultural para Brasília

Com uma população de quase dois milhões de habitantes e com 34 anos de existência, Brasília já se consolidou como pólo cultural e celeiro de talentos, haja vista as inúmeras manifestações nesse sentido no Plano Piloto e nas cidades-satélites.

O DF é, sem dúvida, um grande centro de produção literária, com uma média de três lançamentos de livros por semana e mais de 500 escritores cadastrados no sindicato da categoria, um dos poucos do país.

Além disso, possui cerca de 12 academias literárias e um encontro semanal, já célebre, conhecido como "almoço com o Escritor".

Na área musical, com forte influência da Escola de Música de Brasília, destacam-se vários talentos, muitos com projeção nacional. Os ritmos do rock, do jazz, do rap, do blues, da MPB e a expressiva formação de corais e de coros fazem parte da realidade musical da cidade. Isso culminou com a criação da Feira de Música de

Brasília. Temos ainda uma farta produção nas áreas do teatro, das artes plásticas, vídeo, cinema, cartum, quadrinhos, entre outros.

Toda essa produção artística e intelectual deve receber maior incentivo do governo e da iniciativa privada, no sentido de fortalecer a divulgação da cultura local. A defesa cultural da cidade, seu desenvolvimento e democratização, são fundamentais no processo de consolidação da autonomia de Brasília.

princípio-tensão, clímax e desfecho), destinados a mobilizar a consciência do leitor. É o mercado, e não a escola literária, que dita as condições de produção do texto.

A presença determinante do mercado não quer dizer que o texto de literatura de massa não possa fazer crítica social, mas a crítica aparece, entretanto, como um discurso da história, isto é, como algo externo à ficção, que penetra no texto como informação verdadeira. É como se fosse um discurso reformista travestido de literatura. Pode até causar impacto social, mas não acrescenta coisa alguma à própria arte literária, que se define pela forma, isto é, a língua nacional ficcionalizada, gerando técnicas e conteúdos particulares.

Assim, mesmo com elementos de crítica social, o texto de massa mantém visível a sua estrutura através de personagens fortemente caracterizados, com uma abundância de diálogos, capazes de permitir uma adesão mais intensa do leitor à trama e de uma exploração sistemática da curiosidade do público. O texto de massa é precisamente o tipo de produto capaz de estimular a "curiosidade universal": crime, amor, sexo, aventura, etc., são alguns dos significados constantes, associados a informações trazidas no bojo das novidades técnico-científico-culturais. Esses conteúdos associados às imagens suscitadas pelo emprego do mito constituem o material de consumo do leitor.

No lugar de "leitor" poderíamos usar também o termo "espectador", pois a narrativa de massa não se restringe ao texto escrito,



“Na literatura de massa, nem o problema da língua e nem da técnica romanesca são as questões mais importantes. O que importa são os conteúdos fabulativos”

podendo estender-se a outros meios de expressão ou canais, como o rádio, o cinema, a televisão, a história em quadrinhos, a fotovideotexto, etc. Grande parte de narrativa folhetinesca de nossa época transferiu-se para esses meios (mass media), possíveis pela revolução tecnológica das comunicações. A passagem para outros meios implica outros **códigos** (regras de organização dos conteúdos), mas não muda a estrutura básica da literatura de massa. No cinema ou no livro, uma história permanece fundamentalmente a mesma, porque o mais importante são os conteúdos (mito e informações).

Com a literatura culta é diferente. A transposição do livro para um outro meio altera a natureza da obra original, porque esta se acha comprometida com a língua escrita. Não se trata de afirmar que o livro será melhor do que o

filme, mas que são duas coisas diferentes, quando se trata de literatura culta e literatura de massa.

Temática heróica

A indústria cultural tem retomado neste século toda a temática heróica do passado, orientando a imaginação no sentido do consumo. A figura do herói tradicional (valente e sedutor) domina o texto literário de grande consumo. Não há romance policial, de ficção científica ou de aventuras que deixe de apresentar ao público um personagem heróico todo-poderoso, embora sendo adaptado à linguagem da época para gozar de credibilidade. A isto os teóricos da literatura dão o nome de **verossimilhança**, o conjunto de regras de credibilidade a que o texto tem de obedecer para ser aceito.

Hoje, como no passado, o leitor projeta-se nas aventuras heróicas, dando vazão ao seu desejo de potência, de aproximar-se dos deuses e de poder, como o herói, escapando ao cotidiano repetitivo e monótono. Na narrativa de aventuras, a narrativa segue a ordem dos acontecimentos. Vai do antes para o depois, do prólogo ao desfecho. O desenrolar da intriga reproduz a sucessão dos fatos; ela adota o curso do tempo. O romance policial, ao contrário, parece um filme projetado ao inverso. Ele toma o tempo pelo contrário e inverte a cronologia. Seu ponto de partida não é nada mais que o ponto de chegada do romance de aventuras: o crime que põe fim a algum drama que se vai reconstituir em lugar do que se expôs inicialmente. No romance policial, com efeito, a narrativa segue a ordem da descoberta. Ele parte de um acontecimento que é uma

chegada e, desse dado, remonta às causas que precipitaram a tragédia. Ele reencontra sucessivamente as diferentes peripécias que o romance de aventuras teria relatado na ordem que se produziram.

O fascínio duradouro dessa literatura indica que não se pode estudá-la com uma visão simplista e redutora limitando-a ao campo de efeitos dos estratagemas mercadológicos ou dos subprodutos da literatura culta.

Entretanto, se deslocarmos o lugar de onde produzimos juízos cultos e assumirmos a perspectiva popular, poderemos enxergar as operações mediadoras através das quais a indústria cultural se aproxima do povo. Pode-se localizar, então, na cultura industrializada para o consumo das massas, elementos da tradição narrativa e imagística do povo.

Ao se indagarem sobre os usos populares do produto de massa, ao procurarem ir além das frias avaliações de audiência ou das sondagens de mercado, professores secundários e universitários poderão, inclusive, aproximar-se da literatura de massa como material de ensino, o que não tem sido feito até agora. Além do mais, o gosto pela literatura folhetinesca poderá ser a fonte de esclarecimentos sobre as maneiras como as populações de tradição iletrada se relacionam com a situação de leitura ou decodificação do texto escrito ou visual.

□ **Wilson Rossato** é jornalista, assessor de imprensa do Detran-DF e autor de livros de bolso.



Pedro Celso — PT

Verba para atividades culturais

O deputado distrital Pedro Celso (PT) reservou recursos para filmes, vídeos, Casa de Cultura do Gama e conselhos de cultura de todas as cidades-satélites, durante o seu mandato. Em 1991, ele garantiu CR\$ 500 milhões no orçamento de 1992 para cada um dos conselhos de cultura investir em suas atividades culturais. O Conselho de Cultura de Ceilândia, por exemplo, promoveu shows, um seminário e editou uma revista, com temas relacionados com a música, educação e movimento popular.

No mesmo ano, Pedro Celso destinou mais de CR\$ 1 bilhão para a construção da Casa de Cultura do Gama, atendendo

pedido dos ativistas culturais daquela satélite. "A obra não saiu do papel por pura marcação política", disse o petista. No ano seguinte, o próprio governo se encarregou de garantir dinheiro para a obra. "Mesmo assim o Gama continua sem sua Casa de Cultura".

Durante a criação do Pólo de Cinema e Vídeo, Pedro Celso conseguiu aprovar duas emendas de sua autoria, garantindo recursos para a finalização de filmes e vídeos de cineastas e produtores brasileiros. "Era preciso favorecer as produções locais paradas por falta de patrocínio, desde 1985", explicou.

O Orçamento deste ano, via emendas de Pedro Celso, assegura, em valor de 1º de janeiro, CR\$ 120 milhões para Taguatinga reformar o seu Teatro da Praça; e Sobradinho, Samambaia e Ceilândia investir em atividades de seus conselhos de cultura. Dois projetos de lei voltados para o setor cultural foram votados e aprovados pela Câmara Legislativa. Ainda este ano, se a Câmara Legislativa aprovar dois projetos do deputado do PT, a cidade poderá contar com um Centro de Formação e Treinamento, na 508 Sul, e destinar os velhos ônibus da TCB para instalação de teatros, videotecas e bibliotecas volantes.

A antipoesia ou o paradoxismo

□ **Teresinka Pereira**
Bluffton College

Na década passada, por volta de 1980, apareceu na Romênia um movimento literário chamado **Paradoxismo**. Um de seus criadores, Florentin Smarandache, refugiou-se nos Estados Unidos em 1989 e através da International Writers and Artists Association divulgou seu movimento por muitos países da Europa e da América, inclusive o Brasil.

O **Paradoxismo** prega a antipoesia, ou seja, uma poesia sem linguagem poética, sem sentido e sem mensagem. Mas esta mesma poesia, devido ao seu antitexto, no qual se faz evidente o protesto à sociedade, ao governo e até a vida propriamente dita, acabou por se tornar um veículo de expressão dos poetas, de sua angústia sem denominação, pelo mero fato de estar vivos e ter que conviver com os outros seres humanos "normais", isto é, não filósofos, não poetas.

O poeta é diferente dos

outros humanos pela sua maneira especial de sentir a vida mais intensamente que os outros e pela sua maneira livre de pensar. O livre pensador está sempre em choque com a família, a sociedade e o governo, os quais exercem extrema repressão contra seu pensamento "diferente" e livre. Por sua natureza rebelde o poeta acaba achando que só pode exprimir as suas emoções e seus pensamentos através do "paradoxo". Daí o nome do movimento literário romeno.

Escrevendo durante o mesmo período, isto é, de 1984 a 1988, nos Estados Unidos, o poeta Dennis Kann, sem nenhuma relação com o poeta romeno, sem conhecê-lo sequer, escreve um livro de antipoesia, intitulado **The Grocery List (A Lista de Mantimentos)**. Seus poemas aparecem como consequência de sua rebelião contra a sociedade capitalista, autoritária e

dogmática que tampouco aceita o ser livre-pensador.

A relação e a coincidência do aparecimento da poesia paradoxista nestes dois países de sistema político antagônico pode ser vista como uma previsão do futuro estado de corrupção de alguns líderes socialistas e da união dos países rivais para conviver

a mesma decadência política do capitalismo.

A coincidência do **Paradoxismo** é uma prova de que o poeta é um ser humano especial e diferente e que protesta contra a exploração do homem pelo homem e pela repressão de seu pensamento livre em qualquer país e em qualquer sistema político que o

oprime. É prova também de que a liberdade individual do capitalismo é pura ilusão.

Entrevistei a ambos poetas em ocasiões diferentes e acabei descobrindo que a fonte literária da rebeldia poética paradoxista de ambos vem do existencialismo francês. Não do existencialismo via Sartre, mas do existencialismo via Albert Camus.

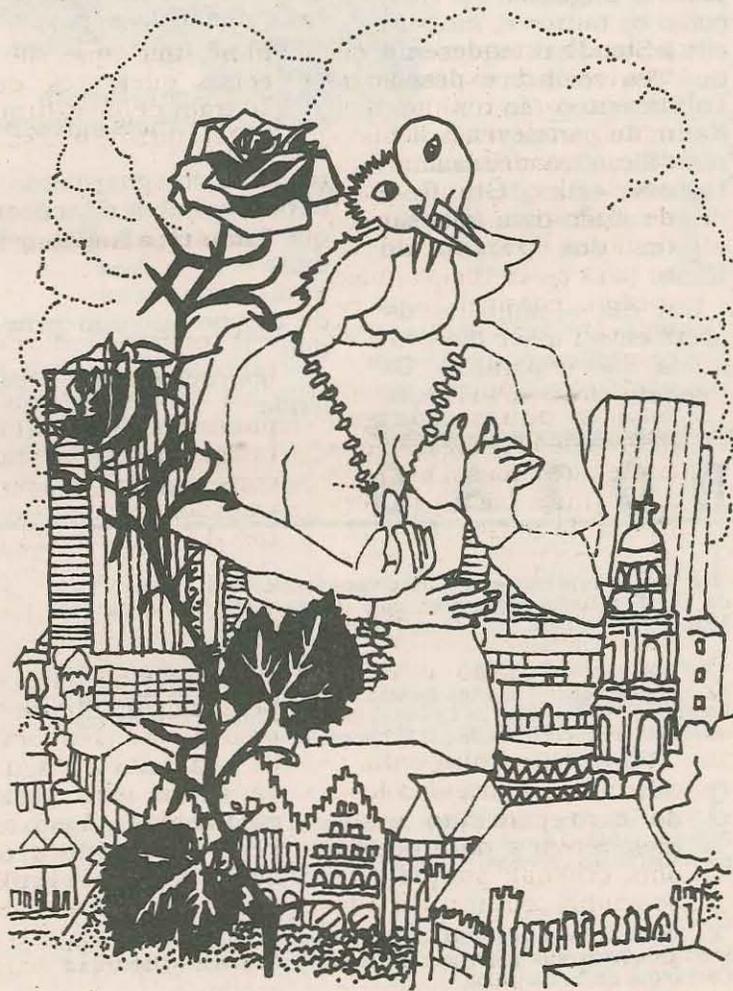
Depois de conversar com Dennis Kann, tive a curiosidade de consultar o volume **le Mythe de Sisyphe** e lá estava, palavra por palavra as citações orais do poeta estadunidense que é um grande admirador de Camus. O Poeta Kann pode citar parágrafos e parágrafos de Camus, a quem leu muitas vezes e com quem sente afinidade intelectual.

O livro **O Mito de Sísifo** começa o primeiro capítulo com a seguinte frase:

Só há um problema filosófico verdadeiramente sério e este é o suicídio.

Mais adiante Albert Camus explica:

Falar a verdade é uma questão de futilidade. Mas algumas pessoas morrem porque elas julgam que a vida não vale a pena ser vivida. Outras, paradoxalmente morrem pelas idéias ou ilusões que lhes dão a razão para viver (o que é razão para viver é também uma excelente razão para morrer). Portanto chego a conclusão de que a razão



Dr. Reginald Reynaud Ruen
Master of the 3 R's

"Waiting for my wife"

"How to get through the day"

Dr. Reginald Reynaud Ruen
Mestre dos 3 Rs.

"Esperando minha mulher"

"Como sobreviver mais um dia"



Maria de Lourdes Abadia — PSDB

Uma Cultura Inacessível

Recentemente foi encenado, no Teatro Galpão, o texto "Vestido de Noiva", de Nelson Rodrigues, montagem dos irmãos Adriano e Fernando Guimarães, vencedor, por sinal, do Prêmio Sesi de Teatro 93, certame nacional. A novidade, além de ser montagem nossa, os ingressos gratuitos. A casa lotou em todos os dias de apresentação, quem quis assistir, não conseguiu. A iniciativa é praticamente única no DF, local em que, não se sabe a razão, exatamente, os ingressos para qualquer espetáculo são os mais

caros do país, mesmo para um simples cinema. As questões são estas: preços, falta de incentivo regional para nossas produções. Resultando uma cultura inacessível para a maioria da população do DF, principalmente para quem reside nas cidades-satélites. O morador de Planaltina não tem um cinema, um teatro — se quiser assistir algo no gênero, terá que se deslocar. A capital não é mais aquele marasmo cultural de alguns anos. Temos espetáculos até internacionais, como a apresentação da Orquestra de São

Petersburgo, o pianista francês Oliver Cazal (por sinal, ingressos grátis). A conclusão é que temos, nós, brasilienses, políticos, empresários, tecnocratas, enfim, de agir no sentido de democratizar, de uma vez por todas, a cultura no DF. Patrocinando espetáculos, abrindo salas em todos os lugares, incentivando embriões. Porque um povo que não estimula sua cultura, não sobrevive. Levamos uma grande vantagem: somos produto de várias regiões.

da vida é a mais urgente das questões.

Está aí um dos temas mais usados pelos poetas filósofos, paradoxistas, que recomendam, inclusive, a ironia comuniana.

Mas há uma diferença essencial entre o poeta romeno e o poeta norte-americano e é uma diferença de tática comunicativa. Smarandache teorizou o movimento, lançou um "Manifesto Paradoxista" e viaja pelo mundo promovendo o paradoxismo. Kann tomou uma atitude mais radical e drástica com respeito a anti-literatura: escondê-la. Escreveu prolificamente durante vários anos, poemas, crônicas, estórias, narrativas, gravou uma novela em cassete de som, mas se negou a publicá-la e até mesmo a falar sobre seus escritos.

Ultimamente tomou um pouco de confiança e sua responsabilidade como Vice-Presidente da International Writers and Artists Association fez justificar para sua própria razão que a literatura inédita não tem existência útil. Por isto entregou-me um de seus manuscritos, o qual foi lido imediatamente com a voracidade de que sou capaz. Fiquei maravilhada ao mesmo tempo que chocada: o extremo com o pessimismo e a angústia que levaram o poeta a produzir tal obra. Entretanto, tomando a consciência da profundidade de seus raciocínios e entusiasmada com o privilégio e a propriedade que me oferece, resolvi editá-lo, com a urgência que requeria sua acanhada permissão.

Durante todo o tempo que trabalhei com o manuscrito, tive sempre o medo de que o poeta, arrependido de seu gesto comunicativo, retirasse a licença da edição. Por isto a

Page 1

*Writing is hard.
That's why I don't
Do it.*

seleção dos poemas do farto material manuscrito incluído no livro, é eclética e está baseada na simplicidade e relativa brevidade dos poemas. A minha intenção é divulgar o livro em várias línguas, portanto a possibilidade de tradução foi um fator importante na escolha dos poemas.

Um dos textos de Kann que não foi incluído na seleção por causa da extensão e do hermetismo do mesmo é "I'm Fed Up Filles on the Talbe" (Estou de saco cheio/ Moscas na Mesa). Este texto tem por tema a angústia da vida, como os outros e, embora cite a Stendhal, representa um dos melhores desenvolvimentos feitos por Kann, do pensamento literário-filosófico comuniano. Usamos esta parte final deste estudo para analisar alguns dos versos do Kann.

Um dia a angústia do poeta chega a ser tão profunda que o paralisa. Os três primeiros versos desta

Página 1

*É duro escrever.
É por isto que eu
não faço isto.*

antipoesia - texto. Estou acabado, mal sou capaz de funcionar e de tomar conta de mim mesmo. Por isto o poeta passa a maldizer a vida em geral: A vida é o fim O ser humano é o fim A vida é um dormir e caminhar entre catástrofes. A este ponto o leitor pode visualizar o poeta sentado a escrever, não a sua escrivaninha, mas a mesa da cozinha, e ele faz uma pausa no fluir de sua consciência, no seu pensamento, nas suas idéias filosóficas e metafísicas, para observar as moscas sobre a mesa: As moscas se arrastam em maior e mais agressivo número reclamando e guardando os poucos cubos de açúcar que estão espalhados pela mesa — uma clássica cena de comportamento primitivo de sobrevivência, copulando.

O poeta põe-se a comparar o comportamento das moscas da sua cozinha com o comportamento do ser humano:

O ser humano sofisticado, tão inteligente, tão cheio de si, comporta-se da mesma maneira, arrastando-se sobre o planeta Terra.

E sendo mais agressivamente crítico com o ser humano, porque ele é mais cruel do que a mosca, o poeta continua por enumerar, os pontos negativos do

comportamento do homem: destruindo, consumindo, poluindo, absurdamente e sem lógica nem razão.

E para terminar esta página, Kann cita a Stendhal:

O "Deserto de egoísmo" de Stendhal está literalmente se transformando em um deserto humano porque o homem continua a violar e a roubar a terra e o mar.

Este texto, mesmo sendo mais extenso que os outros e mais desenvolvido, precisa de ser interpretado para ser entendido em sua complexidade. Inclusive, se o título de Stendhal não fosse por si mesmo significativo, não seria possível entender o final do poema sem o trabalho de fazer uma consulta as obras do escritor francês.

Esta é a situação que levou o poeta a se fazer paradoxista. Vivendo numa sociedade de consumo, rica, onde o conforto e o dinheiro formam a razão prioritária de motivação para as pessoas "normais" viverem, ele se recusa a participar da voracidade e da pilhagem, das riquezas da Terra.

Dennis Kann

O poeta Dennis Kann, nascido em Dakota do Norte, Estados Unidos, foi broadcaster de televisão e rádio. Começou a escrever sob o pseudônimo de Dr. Ruen. O título de seu primeiro livro de poesias foi **A Grocery List** e de seu primeiro romance foi **A Mortal Adventure**.

Dennis Kann abandonou seus estudos na Universidade Northwestern de Illinois, porque seu time de futebol vivia perdendo nos jogos e esteve estudando nas universidades de Minnesota e Minot State por algum tempo. Por fim abandonou de vez a vida acadêmica para ser poeta e pensador aposentado. Seu autor predileto é Albert Camus. Recentemente Kann foi eleito membro da **Associação do Movimento Literário Paradoxista**.

Entre suas publicações de poesia paradoxista podemos citar "A Perversão dos Objetos Inanimados" e "Epitáfio", na revista **Hot for Spring** nº 5 e nº 6, USA; "Page 1/Página 1", "Dr. Reginaldo Reynaud Ruen, Mestre dos 3 Rs" na revista **Bluffton Cultural** nº 20, USA.

Dennis Kann é o Vice Presidente da **International Writers and Artists Association**.

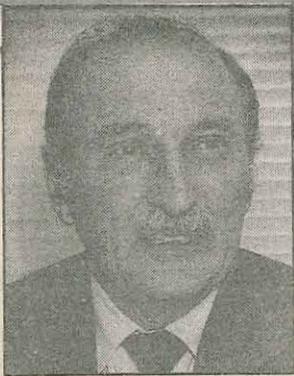
NOTAS

1. "O Manifesto Paradoxista" foi publicado na capa do volume 1, nº 1 de **The Paradoxist Movement**, uma revista antiliterária. Dezembro 1991-Dezembro 1992. The Editors: Phoenix, AZ, USA.

2. Albert Camus, escritor francês nascido na Argélia em 1913. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1957. Entre seus livros mais conhecidos estão: **O Rebelde** e **O Estrangeiro**.

3. Camus, Albert: **Le Mythe de Sisyphe**. Paris, França: Librairie Gallimard, 1942. O livro foi publicado em Nova York em inglês em 1955 por Alfred Knopf e Random House, em tradução de Justin O'Brien.

4. Stendhal, Henri (1783-1842), escritor francês nascido em Grenoble. Entre seus livros mais famosos estão: **Le Rouge et le Noir** (1831) e **La Chartreuse de Parme** (1839).



**José
Ornellas — PL**

A cultura e a comunidade

Uma sociedade culta é o sonho que todos os povos anseiam. Atingir este objetivo, significa desenvolver um trabalho constante, bem elaborado e até ousado, por se tratar de um processo que demanda, antes de tudo, muita persistência.

De um modo geral, a comunidade se preocupa em acompanhar todos os avanços tecnológicos com o propósito de estar preparada para os embates ideológicos e também democráticos que já fazem parte de nosso dia-a-dia.

A cultura abre as portas do conhecimento e permite a grandeza do pensamento para alcançar o universo a que cada ser humano se predispõe, respeitando as suas limitações transitórias. A importância de todo trabalho que envolve manifestações culturais deve ser reconhecida e incentivada pelas classes afins, pela comunidade, por nós homens públicos, e merecer do Governo uma atenção especial no sentido de incentivar na busca dos objetivos a serem ainda atingidos.

O "DF LETRAS" executa hoje esta nobre tarefa levando à comunidade a beleza da cultura. É mais um serviço ao alcance da comunidade porque alimenta e abastece a nossa sede de saber e conhecer. Devemos, porém, não deixar de afirmar: o desenvolvimento, o progresso, a democracia e a paz estão aliados às bases que a cultura alimenta.

Apoiarmos coletivamente estas manifestações culturais é uma exigência da comunidade e um dever destacado desta Casa.

Machado de Assis

1. **Perfil.** Para mim, a produção do artista se enriquece e se completa com as suas virtudes biográficas. Do ponto de vista ético não precisa ser um santo. Embora não se venerem necessariamente os demônios.

O meu enfoque premia a conquista individual de quem venceu as enormes barreiras da ascendência social, até alcançar o reconhecimento pelo esforço despendido. Além, evidentemente, do mérito da obra artística.

O artista que "veio do nada", ou seja: procedente do berço humilde, quando conseguiu projetar a sua arte além da fronteira dos preconceitos sociais, na minha visão, é, sem dúvida, um herói. Pois, para superar todos os obstáculos da vida, teve que demonstrar arrojada força de vontade.

A verdadeira conquista (da posição social, artística, econômica) há de ser produto da dedicação ao trabalho, aos estudos, ao respeito às normas do convívio social. Eis o perfil do herói.

Cada um tem o herói que prefere. Daí que, os heróis de uns podem nada representar para outros. Os políticos encontrarão os seus heróis no campo da política. Os pesquisadores haverão de encontrar os seus no

□ Paes Ribeiro



O Herói

âmbito da ciência.

Sem prejuízo de reconhecer o heroísmo de um Vital Brasil, em sua luta, primeiro, para tornar-se estudante e, depois, de formado em medicina, para realizar suas descobertas científicas, os meus principais heróis estão no campo das letras.

Não basta que um artista adquira fama repentina. É preciso que essa fama tenha base biográfica suficiente para justificá-la. Não basta que Humberto de Campos tenha ganhado a honraria de "Príncipe dos Prosadores Brasilei-

ros". É preciso considerar a vida que levou antes disso. Não foi ele um seringueiro na Amazônia? Não basta que Rui Barbosa tenha sido um poliglota. É preciso não esquecer que, para isso, teve que varar noites adentro, a estudar, com um pobre castiçal aceso. 2. **Três obstáculos.** Nessa linha de raciocínio, o meu herói maior, por assim dizer, é o carioca (ou fluminense) Joaquim Maria Machado de Assis.

Para chegar ao escritor universal que se fez, Machado de Assis venceu três barreiras dig-

nas dos heróis: 1) **preconceito racial**, porque era mulato; 2) a **pobreza**: cedo ele perdeu os pais e a irmã e passou aos cuidados de uma lavadeira; e, 3) **doença**: ele era epilético.

Se ainda hoje se diz que somente os pobres e os pretos vão para a cadeia, imagine-se quem nasceu meio século antes da Proclamação da República e 49 anos da Abolição da Escravatura, quando se tratava de um mulato, pobre e doente...

Os fatalistas diriam que Machado de Assis fora um homem de sor-

te. Eu garanto que ele foi um homem audaz. "Aos audazes a sorte ajuda" — dizia o meu saudoso mestre, padre Nestor Dias Lima, lá do seu calcinante sertão nordestino.

Fato é que, a despeito de raros outros de iguais condições sociais e econômicas, Joaquim Maria Machado de Assis tinha tudo para tornar-se um desvalido "menino de rua". Muito pelo contrário, ele aprendeu as primeiras letras com a madrasta, a lavadeira, mulata, Maria Inês, trabalhou nos afazeres da casa e na venda das "balas" que a madrasta fazia.

O seu interesse de crescer através dos estudos foi demonstrado a partir do momento em que passou a estudar francês com a senhora Gallot, dona de uma padaria, e latim, com o vigário da igreja da Lampadosa. E mais:

"Um dia, já rapaziño, andando pelo Largo do Rossio, ficou fascinado com a livraria e tipografia de Paulo Brito. Pouco depois estava empregado na firma, como auxiliar de tipógrafo. Era o início de sua carreira" (**Obras imortais da nossa literatura**, p. 9, Editora Três, 1972).

3. **Solidariedade, apesar da monarquia.** Ainda no século



Agnelo Queiroz
— PC do B

Meia entrada consolidada

Uma das mais importantes leis aprovadas pela Câmara Legislativa é de autoria do deputado Agnelo Queiroz (PC do B). Trata-se da Lei da Meia Entrada, que dá acesso aos estudantes descontos de 50 por cento nos preços dos ingressos em cinema, teatros e demais espetáculos culturais. A Lei da Meia Entrada, que vem sendo imitada em vários outros estados do Brasil, confere a Brasília uma posição privilegiada. Tornou-se a primeira unidade, no final de 1992,

onde os estudantes podem ter um acesso menos oneroso aos eventos culturais. "Essa Lei tem um objetivo claro: permitir aos estudantes o acesso aos eventos culturais, tão fundamentais para sua formação educacional como o acesso à escola, à universidade", diz Agnelo, lembrando que, na verdade, a informação cultural é um complemento ao ensino tradicional. "O problema é que a maioria dos estudantes, como não pode trabalhar por estar estudando, tem

dificuldades de arcar com o preço dos ingressos. A Lei da Meia Entrada foi idealizada exatamente para amenizar essa dificuldade", justifica Agnelo. Satisfeito com o êxito da iniciativa, o deputado afirma que até os empresários e produtores culturais que, no início, protestaram e até usaram ações judiciais, reconhecem hoje que a Meia Entrada contribuiu com o aumento da frequência de estudantes nos cinemas, shows e demais espetáculos culturais e artísticos.

“O artista que veio do nada. Procedente da berço humilde, ao conseguir projetar as ua arte além da fronteira dos preconceitos sociais é, sem dúvida, um herói”.

passado, sob o regime Imperial e em plena era escravocrata, o mulato Joaquim Maria Machado de Assis não só recebeu tratamento que se haveria de conceber digno de outros tempos, mas, especialmente de outras concepções sociais.

Todavia, por incrível que pareça, com o decorrer dos anos, com a abolição da escravatura e o advento da República as concepções em nada melhoraram. Pelo menos no que diz respeito ao espírito de solidariedade humana. Pelo contrário, se Machado de Assis tivesse nascido um século depois, é possível que não tivesse sido contemplado com a expressiva e decisiva maré de solidariedade com que foi brindado, exatamente no tempo em que, efetivamente, mais precisou de ajuda que, de forma tão edificante, soube aproveitar.

A seguir, alguns nomes daqueles que, generosamente, ajudaram no aparecimento do escritor.

Primeiro, foram os seus padrinhos: Maria José de Mendonça Barroso, viúva do oficial Bento Pereira Barroso, ex-ministro e ex-sena-

dor do Império, e Joaquim Alberto de Sousa Silveira, oficial da Ordem Imperial do Cruzeiro e comendador da Ordem de Cristo, padrinhos dos quais herdou o nome, o que atesta que, quem tem padrinho não morre pagão. Nem sem nome.

Em segundo lugar, a madrastra Maria Inês, que lhe ensinou as primeiras letras, embora se tratasse de humilde lavadeira.

E, graças à senhora Gallot, dona de uma padaria, Machado de Assis aprendeu e dominou o idioma Francês.

Em sua atividade de sacristão, na igreja da Lampadosa, estudou Latim, com o vigário.

Após deixar a Tipografia (1856), foi para a Imprensa Nacional, onde “o diretor surpreendia-o muitas vezes, lendo durante o expedien-

te. Em lugar de advertência, Machado recebeu estímulo. Tornara-se protegido e discípulo do diretor...” (ob. cit.)

Aqui vale a observação de que o espírito de solidariedade e mesmo de generosidade — tudo indica — era maior do que nos tempos correntes. Ora, atualmente, com as raríssimas exceções, o servidor público não encontra qualquer acolhida no local de trabalho. Pelo contrário, desde funcionário mais graduado até ao mais modesto, quem falar de escritor, de escrever um livro, só por isso, já não lhe faltará colega que lhe torça o nariz.

Isto demonstra que, no decorrer de um século, quando se esperava

progresso espiritual, humanitário, aconteceu o oposto. Sem contar com o fato de que o escritor hoje poderá ser considerado um inimigo público, a sociedade simplesmente ignora, salvo quando se trata de autor ultraconsagrado, com o qual também a mídia é sempre generosa e ao qual parece dever eterna gratidão.

De sorte que Joaquim Maria Machado de Assis, pela mão solidária de Pedro Luís e Francis-

“Ele aprendeu as primeiras letras com a madrastra, a lavadeira, mulata, Maria Inês, trabalhou nos afazeres da casa e na venda de “balas” que a madrastra fazia”.

co Otaviano, em 1859, passou para o **Correio Mercantil**, na qualidade de revisor de provas.

Antes, frequentou o grupo da **Marmota Fluminense**, “enquanto estudava gramática e conhecimentos gerais com o padre Silveira Sarmiento” (ob. cit., p. 10).

Donde se percebe que, além da solidariedade recebida, Machado de Assis foi um estudante (informal) dedicado, qualidade que, com certeza, lhe atraiu e lhe valeu toda a expressiva ajuda conseguida.

E se de parte de tantos outros não lhe faltou sensibilidade, especialmente da sua mulher não poderia faltar. Eis que, a esposa, Carolina, “doce e afetuosa, interessava-se pelas coisas do marido, ajudava-o na revisão dos livros” (idem).

Aquele foi um tempo em que a civilização humana se revelou de modo altaneiro. E já não se fazem mais esposas como antigamente.

E o mulato, de origem humilde, nascido a 21 de junho de 1839, de infância e adolescência passadas no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, não perdeu nenhuma das oportunidades que lhe foram oferecidas. Assim, pôde ele transformar-se no escritor capaz de produzir poesia, contos, romances, teatro e crônica.

Além da contribuição cultural oferecida ao País, é bom que se ressalte esta importância da produção do escritor: para tentar atrair os brasileiros, os alemães recitavam poemas de Machado de Assis, no palco da II Guerra Mundial.

Para tornar-se imortal, nem teria sido necessário que ele ajudasse a fundar a Academia Brasileira de Letras.

Por tudo que fez o mulato, pobre e de pouca saúde, é que vejo em Machado de Assis o herói.

■ Paes Ribeiro é escritor e advogado. Tem seis livros publicados entre eles “O Menino do Mato” e “o Bicho-homem, este covarde”. Reside em Brasília há 32 anos.

Machado de Assis



Gilson Araújo — PP

Bibliotecas volantes para as satélites

Uma das maiores dificuldades ao desenvolvimento cultural do Distrito Federal é a escassez de bibliotecas públicas. Esse problema afeta especialmente as populações estudentes carentes das cidades-satélites, que não dispõem de recursos para adquirir livros destinados à realização de trabalhos escolares e à complementação dos ensinamentos recebidos em salas de aulas.

Com vistas a contribuir para a redução desse tipo de entrave à evolução cultural brasiliense, o

deputado Gilson Araújo (PP) apresentou, e a Câmara Legislativa aprovou, um projeto de indicação sugerindo ao Governo do Distrito Federal a criação de bibliotecas ambulantes destinadas, particularmente, aos jovens das cidades-satélites.

“Conforme todos nós temos conhecimento — afirma o parlamentar —, as populações das cidades-satélites apresentam, em maior ou menor grau e por variados motivos, dificuldades de acesso às fontes de leitura e consulta, sejam

livros, jornais ou revistas”. O deputado Gilson Araújo acredita que a existência de bibliotecas ambulantes, nos termos propostos, “viria a atender principalmente às necessidades das populações carentes, que têm, inclusive, dificuldade de locomoção por falta de recursos para pagar o transporte necessário”, salienta o parlamentar. Conforme ele, as bibliotecas ambulantes devem ser compatíveis com as necessidades e possibilidades da população de cada cidade-satélite.

Desejo e transgressão na Literatura Erótica

□ Jason Tércio

O desejo sexual sempre foi tema importante em toda a criação artística — nas artes plásticas, no cinema, no teatro, na fotografia. Mas é na literatura que o erotismo manifestou-se, desde os primórdios, com mais impacto e ousadia. Por lidar com a palavra escrita, a literatura erótica exerce mais poder sobre a consciência popular, atraindo a ira de uns, a perseguição de outros e o gozo da maioria.

Mas a literatura erótica nunca se satisfaz em falar do sexo convencional, entre um casal feliz. Literatura é conflito, contradições, paradoxos. Esta é a sua matéria-prima. E o sexo, quando tema central de um livro, contém excessos, extravagâncias, desafios. Os personagens geralmente são pedófilos, adúlteros, prostitutas, masturbadores, pederastas ativos e passivos, ninfômanas, lésbicas, fetichistas, sado-masoquistas, voyeurs.

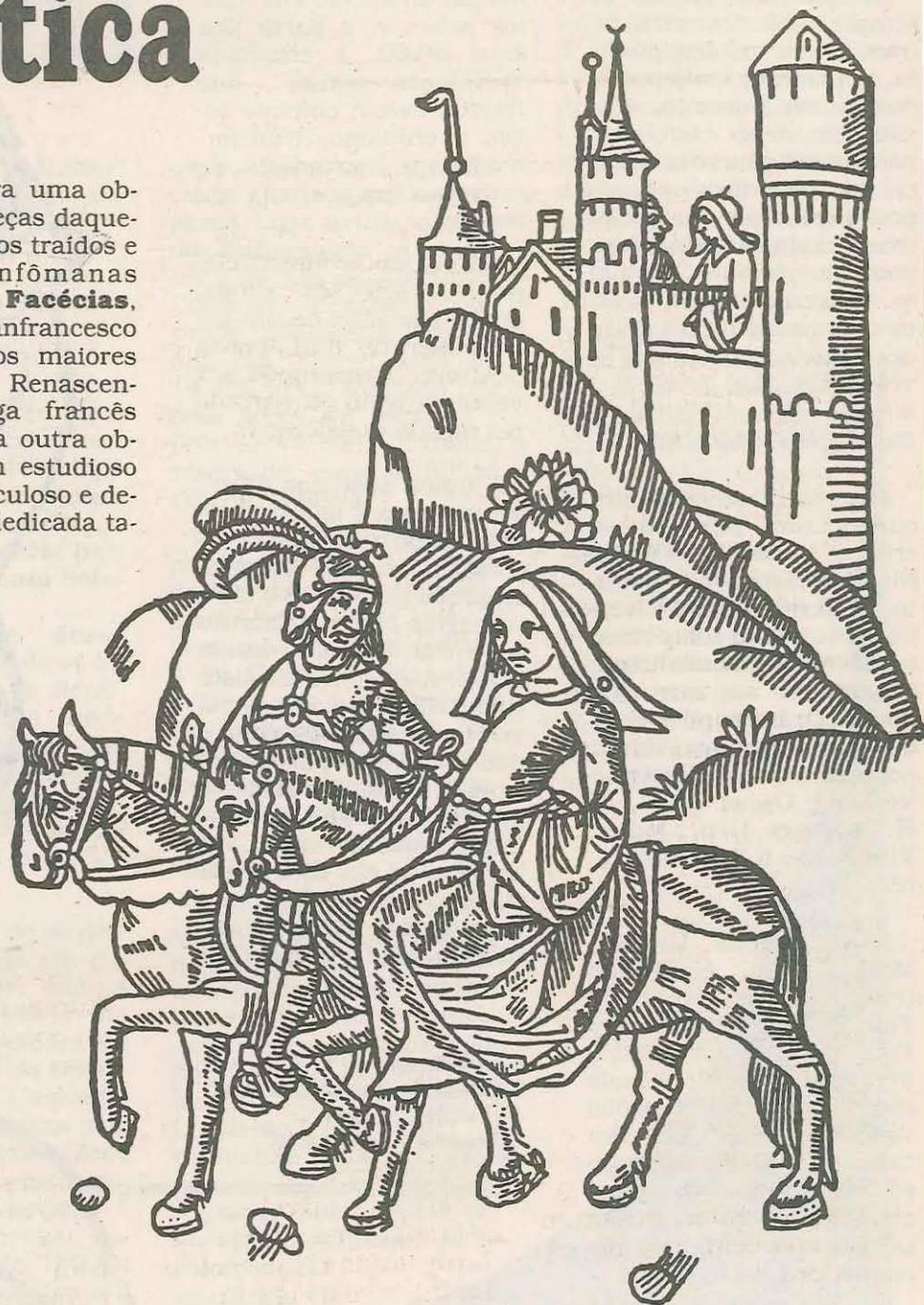
Os escritores subvertem a ordem sexual, como se constata lendo a **História da Literatura Erótica**, recém-lançada pela Editora Rocco. Escrito pelo crítico de arte francês, Alexandrian, que foi íntimo dos surrealistas, o livro é um inventário da sexualidade humana em todas as suas variantes.

Ovídio desvendou na Grécia antiga os segredos do adultério, em *Amores*, e ensinou o ABC do paquerador bem-sucedido em **Arte de Amar**, muitos anos antes de Cristo. Seu conterrâneo, já em nossa era, Luciano, colocou em seu livro **Diálogo das Cortesãs** uma fauna de homossexuais, prostitutas, ninfômanas. Outro modelo de depravação, à moda latina, foi **Satyri-con**, de Petrônio.

Tabus sexuais e culpa não faziam parte das convenções morais dos gregos e latinos. Foi a sociedade judaico-cristã que introduziu o controle do desejo físico irrestrito. E também a hipocrisia. A censura da Igreja condenava apenas as obras que tivessem personagens do clero em situações eróticas. O **Decameron**, de Boccaccio, por exemplo, foi proibido na Renascença, por blasfêmia, não pornografia. Entre as histórias do livro havia sexo entre freira e seu amante, entre uma abadessa e um padre, entre um monge, um abade e uma camponesa, além de uma legião de maridos mansos.

A propósito, foi um ex-monge, também renascentista, Rabelais, quem escreveu, em **Pantagruel**: "Todo homem casado corre o risco de ser corno".

Este tema era uma obsessão nas cabeças daquela época. Maridos traídos e mulheres ninfômanas abundam em **Facécias**, do italiano Gianfrancesco Poggio, um dos maiores humanistas da Renascença. Seu colega francês Brantôme tinha outra obsessão. Era um estudioso de vulvas. Meticuloso e detalhista nessa dedicada ta-



História de Gyron, o cortês, em A. Vérard, Paris, 1503. (Fot. Roger-Viollet)



Geraldo Magela — PT

Animadores culturais para as escolas

Enquanto as escolas públicas do Distrito Federal sofrem com a depredação de suas instalações, o Poder Público não responde com eficácia às ações dos vândalos. Por isso, a relação escola-comunidade vem se tornando insustentável. Há várias maneiras de promover a integração comunitária da instituição escolar, além de uma campanha educativa massiva

envolvendo todos os meios de comunicação. Uma delas é quebrar a resistência de alguns diretores de escolas à Lei 243/92, de nossa autoria, que autoriza aos grupos culturais a utilização dos espaços e equipamentos, fora do horário curricular. Há informações de que um diretor de ensino em Sobradinho devolveu à Fundação Educacional todos os equipamentos da escola para não emprestá-lo à comunidade.

Um boicote inexplicável. Uma outra maneira é a institucionalização de animadores culturais em cada escola pública. A administração escolar decidiria, com recursos específicos e com autonomia, que tipo de atividade gostaria de realizar durante o ano. Desta forma, cultura e educação fariam o casamento perfeito em benefício do desenvolvimento sócio-cultural da comunidade.

refa, ele escreveu um livro descrevendo os mais variados tipos de órgão sexual feminino. Era um esteta ginecológico.

A literatura erótica é sempre uma tentativa de transformar em arte pública os prazeres mais privados do ser humano. Alexandrian deixa claro que não é um gênero vulgar, escrito por pessoas de pouco talento e com objetivos exclusivamente comerciais. Mesmo porque as tiragens eram pequenas, os riscos muito grandes (com apreensão dos livros e eventual prisão dos autores e/ou editores), a circulação clandestina.

Autores respeitáveis incursionaram pelo gênero erótico. A americana Anais Nin escreveu sobre incesto. O poeta inglês Swinburne escreveu sobre masturbação e bestialidade (sexo com animais). Os nossos Drummond e Bandeira também escreveram poemas eróticos. Cocteau, Verlaine, Oscar Wilde, D. H. Lawrence, Henry Miller, Vinícius — a lista é infinita.

Nos Estados Unidos, Mark Twain, conhecido pelas histórias juvenis de Tom Sawyer e Huckleberry Finn, publicou em 1882 o livro mais obscuro e mais escatológico dos Estados Unidos no século XIX. Em **Conversa ao Pé do Fogo** ele usa todas as palavras obscenas da época elizabetana, século XVII, período em que se passa o livro.

Caráter sexual brasileiro

História da Literatura Erótica abrange apenas até os anos 30. Portanto, fica em aberto uma análise sobre a literatura

erótica exatamente a partir do momento em que os costumes se abriram para novos conceitos de moral e sexualidade, com o advento da pílula, da legalização do aborto em muitos países e, a partir dos anos 50/60, a chamada "revolução sexual", que mudou todo o enfoque sobre o erotismo, transformado em mercadoria de consumo na cultura de massa.

Na era do erotismo eletrônico, das sex shops, qual é o sentido de um gênero literário que apenas descreve o que pode ser visto em telão ou narrado por uma voz telefônica?

A única diferença é que livros eróticos já não chocam mais, tampouco são perseguidos pela censura ou proibidos. O que é uma vantagem enorme. Quanto ao apelo popular, ainda existe. A escritora paulista Hilda Hilst decidiu escrever livros eróticos com o declarado propósito de vender, porque seus livros anteriores a essa fase encaixavam nas livrarias. Não se sabe se ela está tendo sucesso de vendas, mas com certeza ganhou mais divulgação. O cineasta Sil-

vio Back lançou recentemente um livro de poemas eróticos que recebeu páginas inteiras de jornais. O lançamento num bar carioca foi cancelado porque incluía uma performance

considerada muito ousada pelos promotores do evento.

O Brasil atual aparenta ser um festival de erotismo e pornografia. Temos palavras em jornais sérios,

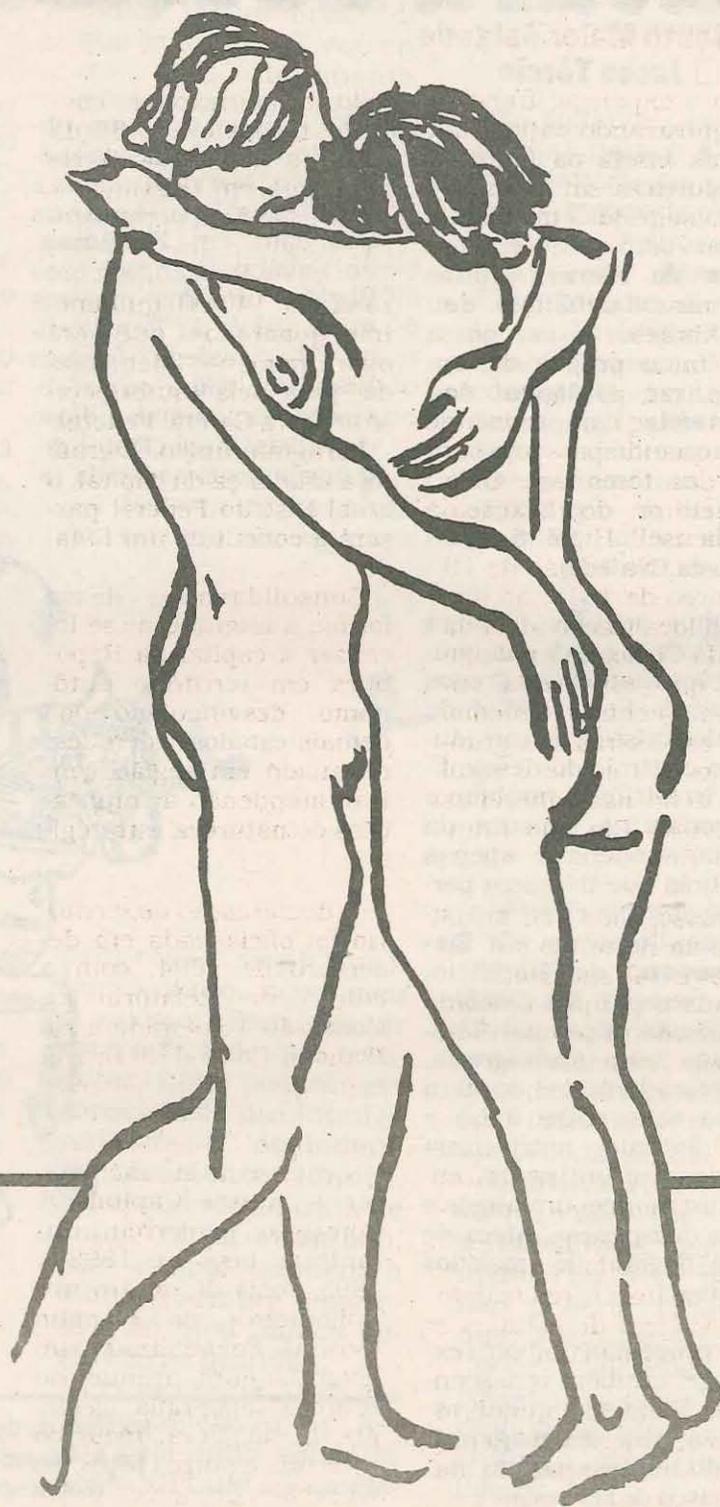
vagina explícita na primeira página dos jornais (e ainda ao lado do Presidente da República), um travesti beija o Ministro da Fazenda no Réveillon do Rio, mulheres aparecem nuas na televisão durante o carnaval, as novelas mostram diálogos e cenas eróticas em horário nobre, a publicidade erotiza os produtos e fetichiza a mulher, revistas com entrevistas pronográficas proliferam nas bancas.

Tudo isso é apenas um verniz. O brasileiro não é devasso. Pelo contrário: é conservador e reprimido. A aparente liberação sexual escancarada é mais um extravasamento de quem ficou 20 anos sob o autoritarismo político e agora quer desabafar. E se a situação econômica não dá nenhum prazer, usufrui-se de um teatro sexual como compensação às agruras do cotidiano.

Países estáveis política e economicamente são mais saudáveis também sexualmente. Os povos escandinavos são os mais abertos do mundo em questões de sexualidade. E não demonstram isso em público. O Brasil ainda não tem educação sexual nas escolas, o aborto ainda é tabu, a campanha anti-Aids na TV é tímida.

Ler a **História da Literatura Erótica** é também refletir sobre esses problemas, as diferentes atitudes que as sociedades adotam em relação a sexo, pornografia, obscenidade, repressão.

□ Jason Tércio é escritor e jornalista



Albert Marquert.
Um desenho de sua coletânea de "vinte atitudes", L'Académie des Dames. (B.N./Arch. E.R.L.)



Tadeu Roriz — PP

Aquário Público

"Cultura nunca é demais". Com esse slogan, o deputado Tadeu Roriz está lutando para ver implantado, no Distrito Federal, um aquário público, concebido para ser um dos mais belos e completos do mundo em fauna e flora. A proposta está sendo aprovada em todas as comissões da Câmara Legislativa e prevê o resgate do projeto original do Aquário Público de Brasília, previsto desde a época da inauguração da cidade.

No início da construção de Brasília havia, atrás da Torre de Televisão,

um edifício concebido pelo arquiteto Sérgio Bernardes e construído para ser o mais belo aquário público do Brasil e também um dos mais originais do mundo, em termos de fauna e flora ictiológica.

"O aquário funcionaria como um museu para a educação dos jovens e divulgação pública dos recursos naturais renováveis das nossas bacias hidrográficas, funcionando ainda como um atrativo a mais para o turismo em Brasília", disse. Na opinião de Tadeu Roriz, o turismo na cidade será

incrementado com a construção do aquário, "pois deverá ser um dos mais frequentados pelos visitantes de outras cidades e países". Ele acredita também que o Aquário Público de Brasília poderá se tornar ainda um ponto de referência fundamental para várias pesquisas nacionais e internacionais, além de consolidar mais ainda o nome de Brasília como um dos roteiros obrigatórios na passagem não só pela capital do país, mas principalmente pelo resto do Brasil.

A ampliação do Distrito Federal

□ Gustavo Souto Maior Salgado

Os trabalhos da Revisão Constitucional colocaram novamente em discussão a idéia de ampliação do território do Distrito Federal. Esse tema já havia sido debatido por ocasião da elaboração da Constituição, em 1988, quando o então Governador do DF, José Aparecido de Oliveira, submeteu à consideração do Congresso Constituinte a proposta de "Ampliação do Espaço Físico do Território do Distrito Federal". Pela proposição, o território do DF passaria a compreender os 14.400 km² definidos na Constituição de 1891 e demarcados pela célebre Comissão Cruls em 1893.

Vale a pena, inicialmente, para uma melhor compreensão do assunto, fazer-se um breve histórico sobre a idéia da interiorização da Capital do Brasil. Alguns estudos apontam o geógrafo e cartógrafo Francisco Tosi Colombino, autor do mapa de Goiás e de Capitâneas vizinhas, como o primeiro a colocar a idéia da interiorização da Capital, no ano de 1751. Posteriormente, a transferência da Capital esteve presente em diversas manifestações. O Marquês de Pombal queria que a Capital fosse instalada no vale do Amazonas, os Autos da Inconfidência Mineira colocavam a necessidade de se transferir a Capital para São João-del Rei, e até o Parlamento inglês, conde-

nando a expansão francesa, e mostrando as vantagens da vinda da família real portuguesa para o Brasil, sugeriu, em 1805, que a localização ideal da Capital do novo império seria nas vizinhanças do Lago Xaraés.

Porém, o projeto de se interiorizar a Capital só tomou fôlego a partir de 1813, quando passou a ser uma das teses defendida pelo editor do "Correio Braziliense", Hipólito José da Costa. Na edição de 13 de março de 1813, ao discutir a localização ideal da sede da Corte, o jornal opinava que esta seria em "...ponto central e imediato às cabeceiras dos grandes rios...", e que o local "...se acha nas cabeceiras do famoso Rio São Francisco. Em suas vizinhanças estão as vertentes de caudalosos rios que se dirigem ao norte, ao sul, ao nordeste e ao sudeste..."

Ainda no Império, outro brasileiro desempenhou um papel destacado na defesa da interiorização da Capital: Francisco Adolfo de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro. De 1839 a 1877, Varnhagen empreendeu uma campanha tenaz pela mudança da Capital, inclusive realizando uma viagem de estudos e pesquisas no Planalto Central.

Com a queda do Império e a proclamação da República, a interiorização da Capital passou a ser pre-

ceito constitucional, conforme dispôs o art. 3º da primeira Constituição republicana, em 1891:

"Art. 3º Fica pertencendo à União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados, que será oportunamente demarcada, para nela estabelecer-se a futura Capital Federal.

Parágrafo único. Efetuada a mudança da capital, o atual Distrito Federal passará a constituir um Estado".

Consolidava-se, dessa forma, a intenção de se localizar a capital da República em território autônomo, desvinculado dos demais estados federados, e situado em região central, atendendo a implicações de natureza estratégica.

A demarcação do território foi oficializada em dezembro de 1894, com a edição do Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, conhecida por Comissão Cruls, instituída para pesquisar e delimitar a área onde deveria se estabelecer a futura Capital. A Comissão percorreu, durante os anos de 1892 e 1893, mais de quatro mil quilômetros no Planalto Central. Foi realizado um levantamento minucioso sobre a topografia, geologia, fauna, flora, recursos minerais e outros aspectos da região. Composta por 8

especialistas, 14 ajudantes, e chefiada pelo astrônomo Luiz Cruls, diretor do Laboratório Astronômico do Rio de Janeiro, a Comissão demarcou, estudou, analisou e fotografou um quadrilátero de 14.400 km², limitado por dois arcos de paralelo e dois arcos de meridiano, reservado para o futuro Distrito Federal.

Para que os trabalhos prosseguissem, o governo de Floriano Peixoto criou, em 1º de junho de 1894, a Comissão de Estudos da Nova Capital, comandada pelo mesmo Luiz Cruls. A ela caberia definir, no quadrilátero demarcado, a localização da futura capital e planejar um sistema viário que a interligasse com o litoral.

Contudo, em 1896, o então Presidente da República, Prudente de Moraes, informou ao Parlamento que os serviços da Comissão estavam prejudicados por falta de recursos e, em 3 de maio de 1897, extinguiu a Comissão. Com isso, a campanha pela mudança perdeu muito do seu vigor.

Quinze anos depois novamente revitalizam-se os esforços pela mudança. Os deputados Americano do Brasil e Rodrigues Machado, representantes dos estados de Goiás e Maranhão, apresentam no dia 7 de setembro de 1921 pro-

jeto dispendioso sobre o lançamento da pedra fundamental da Nova Capital Federal no Planalto Central. O projeto provocou a edição, em 18 de janeiro de 1922, do Decreto nº 4.494, sancionado pelo Presidente da República Epitácio Pessoa, que ratificou a demarcação da Comissão Cruls. E em 7 de setembro foi assentada a Pedra Fundamental de Brasília, numa colina a poucos quilômetros de Planaltina.

Já a Constituição de 1946 confirmou a mudança da Capital, e determinou a criação de uma "comissão de técnicos de reconhecido valor para proceder ao estudo da localização da nova capital".

Além disso, estabeleceu que, efetuada a transferência, o então Distrito Federal passaria a constituir o Estado da Guanabara.

Em novembro de 1946 foi nomeada a "Comissão



Jorge Cauhy — PP

A cultura como base de um povo

A memória de um povo está intimamente associada ao seu processo cultural, constituindo-se em sua real identidade, capaz inclusive de revelar capacidade de superação do homem em relação à obscuridade. A cultura, como bem sabemos, não é adquirida sem um decidido esforço em busca de conhecimentos e na preservação de costumes acumulados ao longo dos anos.

Em nosso País, Nação relativamente jovem, podemos nos orgulhar do acervo cultural que possuímos e do silencioso trabalho de ampliar o horizonte

intelectual de nossa gente. Como parte integrante desse esforço, Brasília se sobressai como uma cidade de primeira grandeza nas manifestações culturais oferecidas à sua população, que tem à disposição uma variada gama de opções em termos de arte. É preciso, no entanto, que esses esforços não sejam diluídos por eventuais desânimos ou pela pressa de abarcar um campo que é infinito. O importante é não deixar cair no esquecimento o que já se alcançou, e buscar persistentemente o aprimoramento de nossos conhecimentos. Não basta abrir espaços

culturais, pois isto não representa a garantia de qualquer progresso intelectual. Temos, isto sim, é de criar condições para que tais espaços não sofram solução de continuidade e que realmente possam passar para a população sua mensagem de educação e elevação espiritual.

E tudo começa nos bancos escolares, orientando nossas crianças desde cedo para a alta relevância da cultura no desenvolvimento e projeção de nosso País. É lá que elas aprendem que, sem cultura, um povo não é nada.

de Estudos para a Localização da Nova Capital do Brasil", chefiada pelo General Djalma Polli Coelho. Os trabalhos da Comissão resultaram na Lei nº 1.803, de 5 de janeiro de 1953, que previa a criação "de uma cidade para 500.000 habitantes" para abrigar a futura Capital. Nova comissão foi montada, dessa vez chefiada pelo General Agualdo Caiado de Castro, e contratada a firma americana Donald Belche para a realização dos trabalhos técnicos necessários para seleção dos sítios mais favoráveis para localização da nova Capital.

Finalmente, a Lei nº 2.874, de 19 de setembro de 1956, determinou a construção da cidade por uma empresa estatal — NOVACAP — que obteria da venda de terrenos os recursos necessários para as obras de urbanização.

Esse tipo de financiamento foi calcado em três pontos básicos:

- a União desapropriaria todo o território do futuro Distrito Federal (art. 24);
- as terras desapropriadas seriam transferidas para a NOVACAP, a título de integralização do capital acionário (art. 10, II);
- a NOVACAP parcelaria os terrenos e, com a venda dos lotes, obteria os recursos necessários para a consecução dos seus fins.

Contudo, devido às limitadas disponibilidades financeiras da União, a Lei Nº 2.874/56 definiu que apenas uma área de 5.800 km², dos 14.400 km² originais, seria objeto do projeto de autofinanciamento da NOVACAP. Restringiu-se, desde então, a essa área, o âmbito territorial de competência do Distrito Federal.

No entendimento do ex-Procurador Geral do Distrito Federal Humberto Gomes de Barros, atual Ministro do Superior Tribunal de Justiça, em tese aprovada no XIII Encontro Nacional dos Procuradores de Estado, 1987, os 8.600 km² restantes ficaram "sob autoridade de Goiás, como se integrassem o território deste Estado".

Segundo o Ministro, "o Quadrilátero Cruls não está inserido em qualquer dos estados brasileiros. Ele constitui território da União, a ser transferido para o Distrito Federal". Em sua opinião, o preceito constitucional contido no art. 3º da Constituição de 1891, complementado pela demarcação da área, "operou instantânea e definitiva reserva da área, e sua exclusão dos territórios dos

Estados que a continuam... o retorno da área remanescente ao território de Goiás dependeria de instrumento legislativo

“ Pela proposição do ex-governador José Aparecido o território do DF passaria a compreender os 14.400km² definidos na constituição de 1891 e demarcados pela célebre Comissão Cruls em 1893. ”

hábil para alterar a divisão federativa do território brasileiro. Em nosso atual sistema constitucional, semelhante instrumento haveria de ser a Lei Complementar". Na falta deste, "o Quadrilátero Cruls continua excluído dos territórios estaduais. Hoje, ele está fracionado em duas partes, a saber:

a) aproximadamente 1/3 tornou-se o território do Distrito Federal;

b) os quase dois terços restantes continuam como território da União, sob autoridade anômala e provisória de Goiás".

Essa análise é que embasa a proposta visando à ampliação do território do DF.

A proposta tem como uma de suas justificativas principais o fato de procurar solucionar os problemas existentes nos municípios localizados no chamado entorno do DF. Na realidade, uma grande parcela da população que reside nesses municípios trabalha no DF, sobrecarregando a prestação dos serviços públicos da Capital, sem dúvida alguma de melhor qualidade que os oferecidos nas cidades de origem. Pode-se verificar, por exemplo, a quantidade de viagens diárias de pessoas que têm como origem o chamado entorno imediato do DF, e como destino as suas Regiões Administrativas, principalmente a de Brasília. Também a quantidade de consultas

médicas realizadas na rede de saúde pública do DF, praticamente três vezes maior que a normal para a população aqui existente, é mais um indicativo dessa situação. A rápida implantação e dinamização de Brasília, com índices expressivos de renda, consumo e qualidade de vida, comparativamente aos de outras regiões, evidenciou uma clara desarmonia com sua área de influência, principalmente em relação aos municípios goianos limítrofes. Isso aliado à falta de suporte econômico, financeiro e tecnológico adequado, industrialização frágil, e níveis insatisfatórios de atendimento social e de qualidade de vida dos municípios do entorno, provoca incessantemente a busca de alternativas que facilitem a solução conjunta de questões vitais para o desenvolvimento do Distrito Federal e de seus municípios vizinhos, inclusive unificando; sempre que possível, os serviços públicos comuns.

Porém, a proposta de ampliação esbarra em um obstáculo político difícil de ser ultrapassado: a resistência dos estados de Goiás e Minas Gerais em perderem uma parcela dos seus territórios, com todas as consequências que tal fato acarretaria. Essa mesma barreira causou o arquivamento da proposta encaminhada pelo Governador José Aparecido à

Constituinte de 1988. Além disso, tecnicamente não se garante que a simples ampliação do território do DF, do qual passariam a fazer parte diversos municípios limítrofes, seja a solução para os problemas aqui levantados.

Por isso, o território do Distrito Federal deve ser definido, do ponto de vista constitucional, nos seus atuais 5.814 km², área já consolidada e objeto de total ocupação e uso por parte da sociedade local. Isso eliminaria qualquer tentativa futura de se ampliar o território com base em dispositivos constitucionais anteriores. Dessa forma, não só os 8.600 km² resultantes da diferença entre a área atual e a proposta de ampliação passariam a ficar sob autoridade dos estados onde hoje se localizam, mas também o Distrito Federal teria seu território definitivamente estabelecido, e constitucionalmente definido.

Em contrapartida, outras alternativas de planejamento que possibilitem um modelo de desenvolvimento integrado e harmônico entre Brasília e sua região de influência devem ser estudadas. Como, por exemplo, a criação da Região Metropolitana de Brasília, envolvendo as Regiões Administrativas do DF e os municípios do entorno. Mas esse é assunto para uma próxima oportunidade.



Aroldo Satake — PP

Esporte e cultura: a união bem-sucedida

A cultura nipônica coloca a saúde corporal como fundamento para o desenvolvimento da mente, razão pela qual procura incentivar a prática desportiva. A colônia japonesa residente no Distrito Federal vem difundindo o interesse pelo beisebol e pelo softball (versão simplificada do beisebol), entre seus membros, com o intuito de popularizar estes esportes entre os brasilienses.

O beisebol e o softball encontram muitos adeptos em Brasília e já despontam entre as preferências dos mais jovens, fazendo com que daqui

surjam campeões nacionais "Como associado do Clube Nipo-Brasileiro - único clube do Distrito Federal que dispõe de um campo gramado para estas modalidades esportivas - procuro estimular o desenvolvimento destes esportes na cidade. No meu entender, a prática desportiva torna o ser humano apto a enfrentar desafios", afirmou o deputado Aroldo Satake.

Segundo os dirigentes do clube Nipo-Brasileiro, a opção pela prática do beisebol e do softball se deve a razões culturais, pois são os esportes mais

populares no Japão. Trazer estas modalidades para o Brasil são formas de contribuir com a cultura esportiva nacional e, como o beisebol é um esporte olímpico, motiva os brasileiros a praticá-lo. O brasileiro José Carlos Patti é jogador de uma equipe profissional de beisebol nos Estados Unidos.

Para o deputado distrital Aroldo Satake, a difusão do beisebol e do softball entre os brasileiros, especialmente entre os brasilienses, é uma demonstração de que nossos jovens assimilam a necessidade de praticar esporte e, através dele, manter a mente sadia.

As questões ambientais na Lei Orgânica do DF

□ Rosalvo de Oliveira Júnior

É comum, nos debates sobre a questão ambiental na Lei Orgânica, ficarmos só analisando os dispositivos jurídicos contidos no capítulo do meio ambiente. Tão avançado quanto esse capítulo são os dispositivos encontrados em outros títulos diferentes do Título VI — Da Ordem Social e Meio Ambiente, onde encontramos o capítulo XI — Do Meio Ambiente.

Senão vejamos, por exemplo, que dentre os objetivos prioritários do Distrito Federal está o atendimento da moradia e saneamento básico (art. 3º VI). A organização administrativa do DF objetiva a melhoria da qualidade de vida (art. 10) e tem como competência privativa a elaboração do plano diretor de ordenamento territorial integrando os valores ambientais (art. 15-X), bem como cassar a licença de estabelecimentos que causem danos ao meio ambiente (art. 15-XV). Também é competência privativa do DF regulamentar e fiscalizar o comércio de resíduos recicláveis (art. 15-XVI); dispor sobre o destino do lixo domiciliar e outros resíduos (art. 15-XVII); exer-

cer a inspeção e fiscalização sanitária e de postura ambiental; (art. 15-XXIII).

É de competência comum com a União o DF proteger as paisagens naturais notáveis e sítios arqueológicos (art. 16-III); proteger o meio ambiente e combater a poluição em qualquer de suas formas (art. 16-IV) e preservar a fauna, a flora e o cerrado (art. 16-V). Também junto com União deve o DF promover programas de saneamento básico (art. 16-X) e registrar, acompanhar e fiscalizar as concessões de direito de pesquisa e exploração de recursos hidri-

cos e minerais em seu território (art. 16-XI).

O DF pode legislar concorrentemente com a União, que elaborará as normas gerais, e o DF poderá ter competência plena para atender suas particularidades (art. 17-§1º, §2º, 3º). Neste caso, o DF legisla concorrentemente com a



Tordo



Veronica

União sobre o cerrado, a caça, a pesca, a fauna, a conservação da natureza, a defesa do solo e dos recursos naturais, a proteção do meio ambiente e controle da poluição (art. 17-VI). Também sobre a proteção do patrimônio paisagístico (art. 17-VII) e pelas responsabilidades por danos ao meio ambiente e aos bens e direitos de valor paisagístico (art. 17-VIII).

Como bens do Distrito Federal, entre outros, estão as águas superficiais ou subterrâneas, fluentes, emergentes ou em depósitos, ressalvadas, neste caso, as decorrentes de obras da União (art. 46-II) Os bens do DF destinam-se ao uso público e a garantia do interesse social, devendo

ser respeitadas, mesmo nestas destinações, as normas de proteção do meio ambiente e ao patrimônio paisagístico (art.51). Os bens domaniais do DF devem ser utilizados para a realização de políticas de ocupação ordenada de território (art. 51-§3º).

A ordem econômica do DF deve observar a função social da propriedade e a proteção ao meio ambiente (art. 158-III e VI). O plano de desenvolvimento econômico e social do DF terá, dentre outras premissas condicionantes, a defesa do meio ambiente e recursos naturais (art. 165-§2º-VII), em harmonia com a implantação e expansão das atividades econômicas, urbanas e rurais, bem



Padre
Jonas — PP

O acordo

Queremos deixar registrado nesta edição do "DF Letras" o importante Acordo de Cooperação Cultural e Educacional que acabam de assinar o Brasil e Israel. O intercâmbio cultural e educacional deverá permanecer até 1996 e visa o aprimoramento entre os signatários. O assunto nos veio ao conhecimento através da matéria editada no Correio Braziliense de 13 de abril de 1994, que numa sucinta reportagem mostra a importância desse evento.

Acreditamos que expedientes dessa natureza devem ser sempre incentivados, para possibilitarem uma interação maior entre o Brasil e as demais Nações, pois, só assim, poderemos exportar e aprimorar cada vez mais nossas atividades culturais em todos os sentidos, como também fazer-nos conhecedores das atividades culturais de outros países. Temos, portanto, que nos olvidar de interesses mesquinhos que sempre

atrasam a cultura, em qualquer de suas atividades, para numa ação comum buscar a concretização de metas que elevem sempre o nosso País. Em assim sendo, esta retomada que o Ministério das Relações Exteriores adotou com relação a Israel é condição "sine qua non" para o desenvolvimento de qualquer sociedade e não poderia ser exceção. Nossos parabéns.

como elevar progressivamente os padrões de qualidade de vida da população (art. 165-§2º-VIII).

A política industrial tem, dentre outros objetivos, preservar o meio ambiente e os níveis de qualidade de vida da população do DF (art. 176-III), sendo que o projeto licenciamento ambiental, a critério do órgão ambiental do DF (art. 177-§ único).

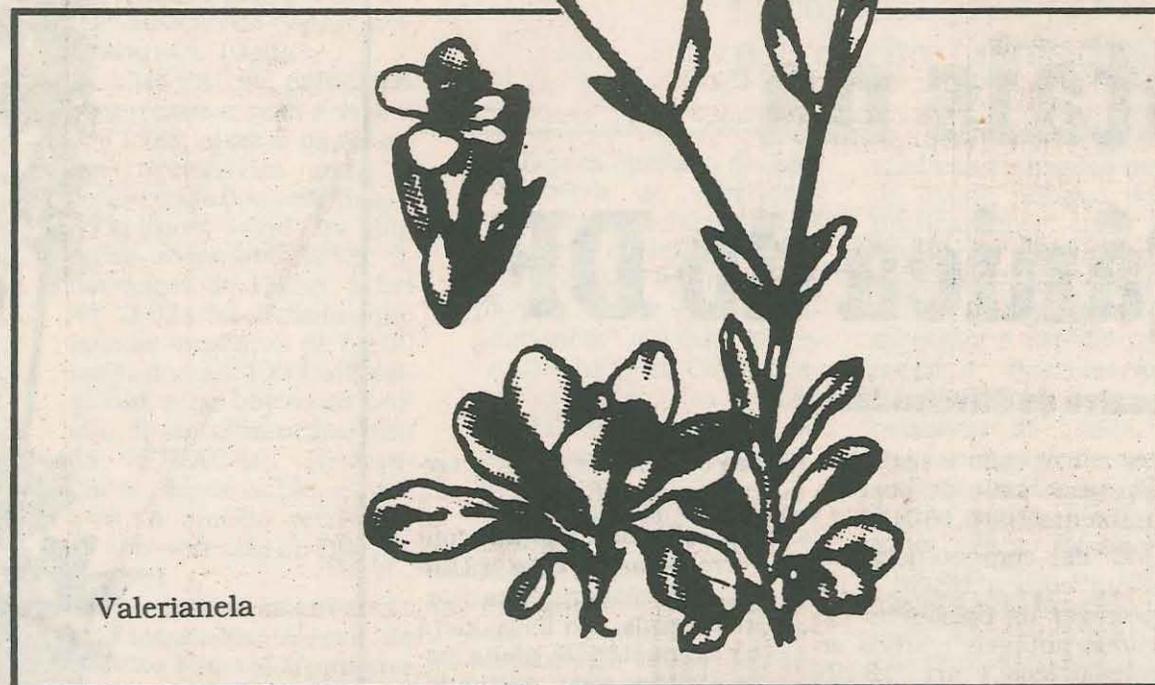
A atividade turística deve proteger o patrimônio ecológico (art. 183-VI) e conscientizar a população da necessidade de preservação dos recursos naturais (art. 183-VIII), sendo esta uma das formas de implementar o turismo como atividade econômica, e fator de desenvolvimento social (art. 183-VIII).

A atividade agrícola tem, entre os seus objetivos, o uso, a conservação e recuperação dos recursos, adotando-se as bacias hidrográficas como unidades básicas de planejamento da atividade agrícola (art. 188-IX).

As pesquisas científicas e tecnológicas do DF serão promovidas em consonância com a defesa do meio ambiente e dos direitos fundamentais do cidadão (art. 193-I).

O DF deve assegurar o meio ambiente equilibrado (art. 201), tendo a ordem social como base o primado do trabalho e como objetivo o bem-estar e a justiça social.

A saúde é direito de todos e dever do Estado mediante, entre outras, das políticas ambientais (art. 204). Essa saúde tem várias condicionantes e determinantes, entre os quais, o meio ambiente e o acesso e utilização agro-



Valerianela

cológica da terra (art. 204-§1º).

Os trabalhadores submetidos a riscos e agravos advindos das condições e processos de trabalho, terão nos resultados de fiscalização e avaliação ambiental, a informação para desenvolver ações com vistas a promoção, proteção, recuperação e reabilitação de sua saúde (art. 213-I-b).

Na Educação, deve o Poder Público garantir o acesso a monumentos naturais, como um dos recursos educacionais (art. 226), e a rede oficial de ensino terá em seu currículo conteúdo programático de educação ambiental (art. 235).

Para o desenvolvimento cultural da cidade deve o Poder Público elaborar programas que visem propiciar conhecimento sobre o valor ambiental do DF

(art. 248-VIII).

A política de desenvolvimento urbano e rural do DF tem por objetivo assegurar a função social da propriedade e possibilitar a melhoria da qualidade de vida, valorizando-defendendo-recuperando e protegendo o meio ambiente natural e construído, de modo que as atividades sócio-econômicas e os equipamentos urbanos e comunitários sejam compatíveis com a preservação ambiental (art. 312-I-IV-V), devendo os recursos hídricos ser usados de forma racional (art. 312-VII).

A propriedade urbana cumpre a sua função social quando atende as exigências da legislação ambiental e do plano diretor de ordenamento territorial (art. 315).

O cidadão terá assegurado o acesso a informações territoriais e urbanas,

particularmente quanto aos aspectos físico-naturais, uso e ocupação do solo e a qualidade ambiental, sendo obrigatória a divulgação, pelo Poder Público, das informações consideradas de relevante interesse para a coletividade (art. 324-I-II-IV e § único). Entre os instrumentos de ordenamento territorial e de desenvolvimento urbano estão os estudos de impacto ambiental (art. 325-D).

O sistema de transportes do Distrito Federal subordina-se aos princípios de preservação da vida e defesa do meio ambiente (art. 335).

A política de desenvolvimento rural deve promover o zoneamento ecológico — econômico com o objetivo da diversificação agrícola e a preservação do meio ambiente (art. 344-I), devendo implementar programas e tecnologias

de regeneração e conservação do solo (art. 344-VII-XII-e).

A política fundiária e do uso do solo rural terá, entre outras finalidades, a de permitir o aproveitamento racional e adequado dos recursos hídricos para irrigação (art. 346-VI) e proteger o meio ambiente (art. 346-VII).

Todos os projetos de licenciamento de obras e serviços que envolvam impacto ambiental serão obrigatoriamente apreciados em audiência pública, que deverá ser divulgada com 30 dias de antecedência em pelo menos dois órgãos de imprensa de circulação regional (art. 362-I e §º).

Do ponto de vista do ordenamento jurídico o DF possui uma legislação ambiental avançadíssima. Faltam aos atores sociais — empresários, comerciantes e trabalhadores — incorporarem essa dimensão ambiental contida na Lei Orgânica às suas práticas e atividades, senão será uma lei de letras mortas.

Essa dimensão, e sua importância para o desenvolvimento sustentável, só terá ressonância na população se for desenvolvido um amplo programa de Educação Ambiental. E é o Poder Público o responsável pela educação. Para tanto, deverá o orçamento local aumentar em 4 (quatro) vezes o que hoje é destinado de recursos financeiros ao órgão ambiental, e este deve destinar a metade desses recursos para a Educação Ambiental.

Rosalvo de Oliveira Júnior é engenheiro agrônomo pela Universidade de Brasília e assessor na Câmara Legislativa, lotado no Gabinete do Deputado Wasny de Roure.



Salvião
Guimarães —
PSDB

A Cultura Precisa ser Valorizada

Brasília é a única cidade moderna do mundo tombada pela Unesco, como Patrimônio Histórico da Humanidade. O seu traçado, a sua linha arquitetônica e a velocidade da construção encantaram o velho continente, surpreendido pelo arrojo de um país jovem do Terceiro Mundo.

Para a nova capital vieram milhares de brasileiros de todos os quadrantes do País, trazendo seus costumes e suas crenças e, sobretudo, transformando a cidade num imenso laboratório cultural que ao longo do tempo foi sendo

esquecido, relegado a um plano inferior. Mas agora que se aproxima a data das eleições para todos os níveis é o momento ideal para voltarmos à discussão do assunto e cobrar dos candidatos, a implementação de propostas de programas culturais. Precisamos, mais do que nunca, resgatar nossos valores culturais sob o risco de perdermos nossas tradições e, com isso, nossa própria memória. É preciso combatermos a idéia e até a argumentação dos dirigentes públicos e empresariais de que a crise econômica impede o investimento na área cultural,

da mesma forma como ocorre na educação. Ora, a cultura de um povo não pode ser colocada em segundo plano e dar prioridade à arrecadação, pois é realçando os aspectos culturais que conseguiremos buscar melhores saídas para a crise política e econômica em que nos encontramos.

Brasília, por ser uma capital nova que encheu de esperança os brasileiros, precisa aproveitar a contribuição de cada um de seus habitantes, vindos do Oiapoque ao Chui, para estimular o surgimento de uma nova cultura.

CISQUIM

De Patrocínio, cidade **pertolonga** daqui lá das Minas Gerais, chega até nós o livro "**Cisquim, o menino bóia-fria**". Conta as aventuras e desventuras do personagem. O linguajar prosaico tanto quanto pitoresco preserva o espírito interiorano e lembra, vez por outra, pelos neologismos o universo mágico vocabular do também mineiro Guimarães Rosa. Para dar uma idéia mais próxima do livro, reproduzimos abaixo a apresentação elaborada pelo prof. Ivan Batista da Silva, revisor da obra. **Eles escreveram.** O DF Letras publica (NELSON PANTOJA)

O menino bóia-fria

Ler o CISQUIM é conhecer seus próprios autores Marlenísio Ferreira e Ângela Maria de Arvelos Ferreira, pois é um livro escrito a quatro mãos, se assim podemos dizer de sua coautoria. A simplicidade do CISQUIM é a simplicidade de seus autores e a sutileza da obra em nos repassar suas idéias revela a argúcia dos escritores.

Marlenísio é uma pessoa que já fez de tudo na vida, do que muito se orgulha. Exerceu as atividades mais simples e humildes. Foi, depois, radialista, professor, colaborador em jornais, vice-presidente da Casa da Cultura de Patrocínio- executivo no Sindicato dos Trabalhadores Rurais e faz parte da Junta de Conciliação e Julgamento da Justiça do Trabalho. Sempre se dedicou à escrita e à leitura.

Ângela, da mesma forma, cultiva hábitos simples. É uma aficionada da leitura diária. O que faz com afeição e dedicação, passando pelos mais diversos autores e estilos literários, principalmente, os brasi-



Marlenísio Ferreira



A. Maria de Arvelos

leiros consagrados ou não. Sua ficha de leitura é ampla como poucas. Adora escrever. Mas, costuma dizer que mesmo assim seu talento maior são as artes plásticas. E, a elas pretende se dedicar sem jamais abandonar a leitura, seu hábito mais forte. É, atualmente, membro da "União dos Artistas Plásticos de Patrocínio" UNAPP.

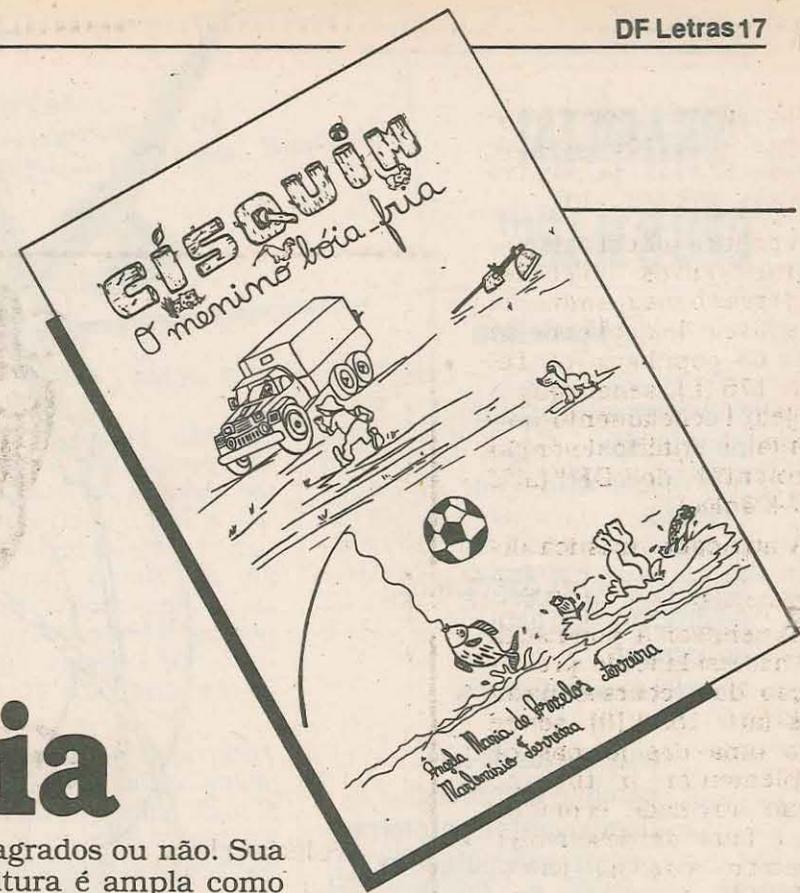
Ela, criou o personagem. Ele, fez as pesquisas e o desenvolveu. Fizeram dele, um filho.

Ambos dotados de rara sensibilidade artística, capaz de transformar em elemento literário o mais simples e rudimentar da vida alegre de menino. Com seu estilo direto, relatando fatos corriqueiros, desperta no leitor a vida de criança e uma doce ternura pelo menino CISQUIM, cuja vida nos leva de volta aos fatos alegres e descompromissados da meninice.

CISQUIM - fatos reais da vida de um menino pobre, talvez não de um só, mas de muitos, descritos de uma maneira simples, sem qualquer intelec-

tualismo, sem também drama ou compaixão, mas com a suavidade de quem soube conservar na vida o agradável mundo da infância. Não é um alto grau de intelectualismo que sustenta o espírito criativo, mas a grande experiência de vida de seus autores, sua formação humana e o espírito cristão. Sabem valorizar o ser humano, ressaltar a necessidade de igualdade de direitos. Transparece nas entrelinhas o espírito de fraternidade que emana da vida dos próprios autores, reconhecido pelos que têm a felicidade de conviver com eles.

A serenidade e amenidade que emana deste livro, mesmo quando descreve situações trágicas, revela a serenidade de um casal em que a vida de um se espelha no outro, se integra e se completa na manifestação mais completa do ser humano: a sensibilidade artística e a criação literária. (Ivan Batista da Silva)



**José Edimar
Cordeiro —
PSDB**

Descentralizando a cultura no DF

Os moradores de Taguatinga, Ceilândia e Samambaia, que, juntos, representam mais da metade da população do Distrito Federal, infelizmente não têm à disposição espaços próprios para prática de atividades culturais. A centralização elitista no Plano Piloto provocou, nestes 34 anos de Brasília, a falta de incentivo às produções culturais das satélites, que hoje sobrevivem

graças ao esforço incomum dos mais entusiasmados.

Está em tramitação na Câmara Legislativa alguns projetos que podem amenizar este problema e, ao mesmo tempo, garantir apoio aos grupos locais destas cidades. Um deles, apresentado em comum com outros deputados, cria o Setor de Esporte, Cultura, Diversão e

Turismo de Taguatinga, às margens da Avenida Contorno Norte. A

proposta garante também uma área de lazer e entretenimento para os moradores de Taguatinga, Ceilândia e Samambaia, mas que deve atrair moradores de outras cidades.

A Câmara analisa ainda a criação do Parque Ecológico e Recreativo Juscelino Kubitschek (Parque JK), que abre um amplo espaço para lazer e cultura, ao mesmo tempo, garante a preservação dos córregos Taguatinga e Cortado.

"BRASÍLIA! CÉU E MAR!"

□ **Madellon**

céu e mar se misturando
no azul lilás
mistura de cores
e odores
matizes
nuvens brancas dançando
no descampado azul
do cerrado
entrelaçando mil cores:

cores roxas de ipês
caraíbas amarelas
flamboyants e pau-terra
pequizeiro e paineiras
milhões de vozes forasteiras

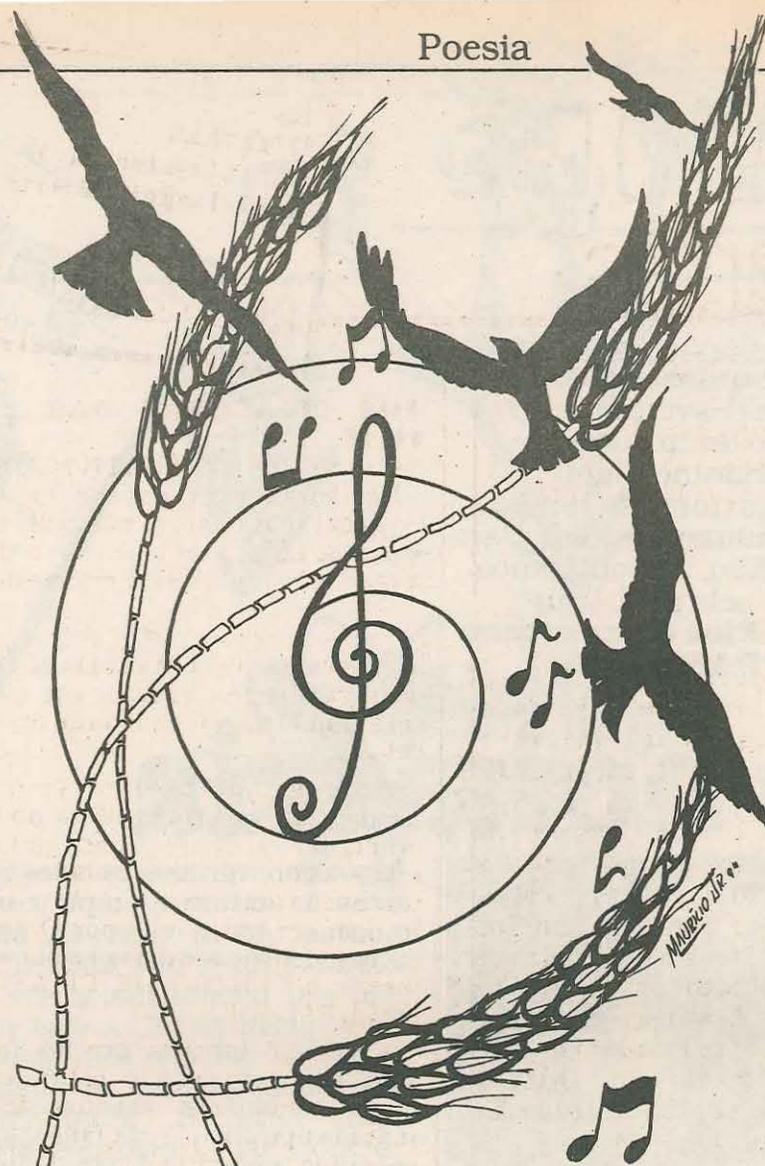
saltando pelas janelas
nos jardins árvores vermelhas
cipós e trepadeiras
penduradas nas sacadas

nascendo
crescendo
bailando

invadindo os prédios
morando nas casas
festejando a primavera
o canto triste das cigarras
ecoando nas marquises
flores de todas as cores

um buquê de matizes
céu e horizonte
o pôr-do-sol
o arco-íris

nuvens bailando
como ondas bravias
no oceano do céu
de Brasília!



Ecos que o Vento Semeia

Paranoá

□ **Guiomar Travassos Chianca**

É o nosso lago antigo
Volume de gotas
Na concha do chão
Noite e dia
Corre dentro de ti
O rio-verde
Onde se reflete
A esperança
Gota a gota
Correrás
Dentro do tempo

Brasília Coração

□ **Ely Costa**

Te vejo

Brotando tal qual uma flor vermelha
Invicta.
Sangue.
Triângulo.

Te vejo

Majestosa.
Gostosa.
Nua.
Mulher.

Te vejo

Pés desnudos
Redondos Tornozelos.
Torneadas pernas.

Te vejo

Púbis macio
Arquitetônica
Fera no cio.

Te vejo

Umbigo escondido,
Num ventre macio.
Protuberâncias.
Criança em incontáveis bravuras,
Pronta para o amor.

Te vejo

Rosto escondido
Entre cabelos revoltos.
Disfarçando teu pudor.

Te vejo

Num desafio policrônico,
De incontáveis estrelas.

Te vejo avião



**Cláudio
Monteiro — PPS**

Por uma cultura forte e popular

Brasília poderia ser vista como a Babilônia cultural contemporânea. Gentes de todas as partes do Brasil, todos os sotaques, paladares e regionalismos se fundem na mais jovem das capitais. Dão-se os primeiros passos no surgimento de uma cultura própria, fruto de várias outras já solidificadas. Esta cultura própria, como em um pesadelo, começa a se distanciar da

realidade. O povo é "jogado" às margens da jovem capital, suas raízes são podadas. Como é possível viver e difundir os regionalismos onde faltam condições até de sobrevivência? As comidas cheirosas, artesanatos, crenças e cantigas vão sorrateiramente se apagando e passam a não mais fazer parte da vida das pessoas. Uma falsa

cultura é imposta. A cultura marginal de restos e sobras. Para haver cultura é preciso antes de mais nada respeito às raízes. Imprescindível criar condições humanas para que o povo possa viver e interagir-se. A fusão será perfeita e o sonho de uma cultura forte e popular não será mais uma utopia.



Ao
DF LETRAS
Câmara Legislativa do DF
SAIN - Parque Rural Norte Brasília-DF

7 0 0 8 6 8 0 0

Srs. Editores do DF Letras
Saudações a Nelson Pantoja.

A cada dia o DF Letras se torna realmente mais letras com poemas e discussões políticas através das letras.

Saúdo pela sobrevivência e insistência.

Estou atendendo o chamado e, acima de tudo, a minha necessidade de publicação - estou remetendo um artigo que escrevi sobre um romance do goiano Miguel Jorge.

A discussão é oportuna, quando se registra o transcurso dos 30 anos do golpe militar de 64. Caso o texto seja publicado, agradeço antecipadamente.

Sucessos.

Salomão Sousa

Av. Central, Bloco 1685, casa 40
71715-200 - N.Bandeirante - DF



Excelentíssima Dra. Rose Mary Miranda, meus cumprimentos

Ilustre escritora Mary, acuso o recebimento, mais uma vez, deste maravilhoso **DF Letras**. Meus sinceros parabéns. Realmente, todos vocês, que dirigem este grande jornal de letras, estão, com certeza, efetuando uma das maiores necessidades que este País está precisando, ou seja, cultura; na verdade, **um homem só se liberta através do conhecimento**. Agradeço o envio deste, como, também, o cartão de aniversário, que tão maravilhosamente me proporcionaste, quando na data de meu aniversário (...).

Estou enviando à nobre deputada este meu humilde poema para, havendo mérito, publicá-lo neste jornal. Caso não haja valor, mérito intelectual, entenderei perfeitamente.

Encerro desejando tudo de bom, paz saúde e felicidade plena.
Abraço fraternal do amigo,
Delermundo Vieira



Senhora Vice-Presidente,
A Sociedade Brasileira de Música Contemporânea vem manifestar efusivos cumprimentos a V.Sa. e equipe pela excelência das matérias e primor das edições do valoroso periódico DF-LETRAS.

Cumpre-nos informar que a professora e musicista Belkiss S. Carneiro de Mendonça assumiu a Presidência dessa Sociedade em 01/01/1994 e pretende dar continuidade ao expressivo trabalho de-

Ilm^o Sr.
Nelson Pantoja
M.D. Editor do DF-Letras
SAIN - Parque Rural Norte
Brasília-DF
70086-900

Brasília, 08 de abril de 1994
Senhor Editor,

Vimos apresentar a V.S^a os nossos cumprimentos pela brilhante iniciativa de abrir espaço aos escritores no **DF-LETRAS**.

Verifica-se, em consequência, que esse jornal, com a participação de vários escritores em seu último número, tornou-se, de fato, um suplemento cultural de excelente qualidade. Era disso que Brasília precisava. Parabéns.

Colocando-nos à inteira disposição de V.S^a; subscrevemo-nos.

Atenciosamente

Napoleão Valadares
Presidente da Associação
Nacional de Escritores

envolvido pelos antecessores Luiz Augusto Milanesi e Paulo Affonso de Moura Ferreira, na difusão e estímulo da criação musical contemporânea brasileira.

Assim sendo, reiteramos protestos de elevada estima e real consideração.

SUELI LIMA DE FREITAS
Secretária



Cuiabá, 29 de Março de 1994

Prezados Editores;

Em primeiro lugar, recebam meus elogios pela ótima publicação, a qual tive acesso por apreciar leituras com referência à cultura, filosofia e política.

Tomando conhecimento da existência do DF-LETRAS, - gostaria de saber da viabilidade de vir a recebê-lo periodicamente.

Sou estudante de História na UFMT; e atualmente - sou secretário de cultura do centro acadêmico de História.

Aguardando a atenção dos senhores agradeço e apresento.
Cordiais saudações.

Alex Rufino da Silva
Sec. de Cultura do "CAHIS"

AOS CRIADORES DAS LETRAS

NADA SUPERA A CRIATIVIDADE!

Nas letras, nada poderia ser tão verdadeiro. A criatura não pode ser superior ao seu criador. Ela o distingue; desnuda seu interior; e imaterializando-o, não o sucede. As obras, sim, estas superam-se, umas as outras, já que, emanadas ou não de uma mesma cabeça, são criações humanas em constante evolução.

A obra literária não deve ser mitificada. Para realizá-la basta ao escritor, ter bastante papel, tinta e criatividade. As necessidades restantes são acessórias e podem muito bem ser fornecidas por Organizações, dentre as quais pretende se inserir o CENTRO DE CRIATIVIDADE PALÁDIO.

A criação literária precisa também ser conhecida e estimulada longe dos círculos restritos, determinados pela indústria cultural de consumo, não raras vezes dominada por intelectualóides e por indigestos agentes gráficos, literários e revisores.

Por fim, o escritor alternativo, precisa receber incentivos para realizar a sua arte e difundi-la. Ao estender a prática da criação e realizar o intercâmbio de trabalhos, um efeito de emulação, por si só, incessante e de inesgotável força, esperamos, fará despontar expoentes inestimáveis no campo das letras.

Com a finalidade de fornecer o suporte técnico a escritores é que o CENTRO DE CRIATIVIDADE PALÁDIO, com a experiência adquirida em sua OFICINA DE LETRAS, está implementando o "PROJETO AREÓPAGO", através do qual se propõe:

1. Divulgar os novos poetas, contistas, ficcionistas e demais criadores das letras;

2. Receber trabalhos e publicações do circuito alternativo de difusão cultural para poder prestar-se a intermediar as publicações e exposições autorizadas;

3. Cadastrar os trabalhos, seus autores e endereços, podendo fornecer cópias em disquetes, desde que enviadas pelos interessados;

4. Facilitar a localização de espaços de divulgação e de meios para auxiliar a realização de novas publicações;

5. Executar todas as atividades sem fins lucrativos, sempre por intermédio dos Correios, podendo, entretanto, aceitar a doação de selos para assegurar a rapidez no intercâmbio.

Os escritores interessados em receber o suporte técnico oferecido pelo "PROJETO AREÓPAGO", bem como obter esclarecimentos adicionais deverão estabelecer intercâmbio no seguinte endereço:
CENTRO DE CRIATIVIDADE PALÁDIO - Oficina de Letras Cx. Postal 187 - ÁGUAS DE LINDÓIA - S P 1 3 9 4 0 - 0 0 0



AO DF LETRAS

É com muito prazer que escrevo pela segunda vez a esta Redação e na oportunidade mais uma vez PARABENIZO a todos que compõem a Câmara Legislativa do Distrito Federal, e pelo 10º Número deste JORNAL que a cada dia cresce mais, sempre com a atenção voltada aos costumes e tradições do povo goiano, do povo candango e por todo Brasil.

Desejo êxitos e felicidades a todos e que a cada dia esta brilhante iniciativa venha a brilhar ainda mais.

Jurcimá Soares
ARAGUAPAZ - GO.

* ESCREVA.
NÓS PUBLICAMOS!

Sr. Diretor ao ler esta notícia, resolvi enviar um poema entre vários que escolhi especialmente para ser publicado conforme segue anexo. O poema que envio é dedicado especialmente às mulheres e intitulado por A FORTE ROCHA e ilustrado pelo artista araguapazense Carlos Gomes.

Antecipadamente agradeço.
Jurcimá Soares



Prezado Editor

Estou enviando para sua apreciação uma colaboração para o DF LETRAS. Trata-se de uma matéria sobre "literatura de massas", assunto de meu interesse tanto prático, sou autor de livros de bolso, como também teórico. Ilustrações adequadas, infelizmente, não as tenho, mas sei que não será problema para a edição do jornal.

Sou jornalista, assessor de imprensa do Detran-DF, e estou à sua disposição para qualquer eventual problema.

Sem mais, agradeço a atenção.
Wilson Rossato

BALADA DE BRASÍLIA

□ Diniz Félix dos Santos

I

Os sinos, os bronzes,
ressoam, ao longe,
a doce canção.
São Lucas, São Marcos,
São João, São Mateus,
recebem a entrada.
Do teto da nave,
velando por nós,
alados arcanjos:
são anjos-de-guarda,
amigos banhados
em luz natural.

E as Crianças rezando...

III

Lilás singular,
esfera celeste,
madrinha e abrigo
da missa primeira,
a Cruz-do-Ípê,
no chão do Cerrado.
Morada de Orion,
Centouro, Escorpião,
Cruzeiro do Sul -
brilhantes, no azul,
gerando a esmeralda
Candanga Poética.

E as Crianças sonhando...

II

Qual hino de plástica,
as formas geométricas
a cobrem de pedra.
Pirâmide asteca
truncada no ápice,
vivendo espetáculos.
Tocar Villa-Lobos,
sorrir Martins Penna,
cantar ou chorar,
comédias e dramas,
tragédias e récitas...
Que belos momentos!

E as Crianças bailando...

IV

Infinda Esplanada:
palácios que falam
de audácia e equilíbrio.
A flor de poderes -
Planalto, Congresso
e Corte Suprema -
ou alma do Povo?
Bem-vindos anseios...
Bandeira no alto.
Os olhos na História.
Cabeça marmórea -
zelar diamantino.

E as Crianças crescendo...